

Coleção Gaiteiros da Estremadura
Volume 1

Gaiteiros de Sesimbra

Prefácio

João Augusto Aldeia

Recolhas Musicais Inéditas de

José Alberto Sardinha

Edição

Althum.com

Produção

Associação Portuguesa para o
Estudo e Divulgação da Gaita de Foles

Patrocínios

SESIMBRA



Título

Gaiteiros de Sesimbra

Idealização

Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira
João Tiago Morais

Gestão de Projeto Editorial

Luís Nazaré Gomes

Coordenação Geral

Francisco Pimenta

Produção Executiva

Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita de Foles

Autores dos Textos

Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira
João Augusto Aldeia
João Tiago Morais
José Alberto Sardinha
José Teixeira Gomes
Pablo Carpintero Arias

Pesquisa de Campo

Ana Pereira
Francisco Pimenta
Gilda Melo
Henrique Soares Oliveira
Isabel Martelo
José Alberto Sardinha
José Teixeira Gomes
João Tiago Morais
Mário Rui Melo
Pablo Carpintero Arias
Paulo Tato Marinho

Pesquisa Documental

Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira
João Augusto Aldeia

Pesquisa Genealógica

Isabel Martelo
João Augusto Aldeia

Recolhas Sonoras

Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira
José Alberto Sardinha

Recolhas Vídeio

José Alberto Sardinha:
Peditório para o Círio da Azóia
Miguel Barriga:
Entrevista ao gaiteiro Mário Carramão

Registo das Gaitas de Fole e Construção das Réplicas

Pablo Carpintero Arias

Realização de Entrevistas

José Alberto Sardinha a:
Etelvino Marques Ferraria, Mário Quaresma Carramão e Manuel Vieira da Silva Cristão (1995)

Demais Pesquisadores a:

Etelvino Marques Ferraria (1999)
Mário Quaresma Carramão (1999, 2000, 2009 e 2010)
Jaime da Silva Zambujal (2010)
Dionísio Ferraria, Fátima Carramão, Franklin Vitória de Almeida, Ida Ferraria, João Fernando Saloio Fernandes, João Pinhal Coelho, José António Mendes Conde, José dos Santos Pinhal e Maria Gonçalves Cachão Conde (2019)
Adelina Pinhal Jacinto Raimundo Rosa, Bruno Gatinho, João Coelho Pinhal, José Domingos dos Santos Ratinho e Maria Luís Cidade Pinhal Francisco (2020)
Argentino Rodrigues Veríssimo, Celestina Rodrigues Veríssimo, Edgar Duarte Marques Casaca, Irene Maria Reis da Mata, José Rodrigues Mata e Valdemar Carramão (2021)

Transcrição de Entrevistas

Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira

Transcrições Musicais

João Tiago Morais
Luís Miguel Aveiro

Revisão de Partituras

Luís Miguel Aveiro

Arranjos e Direção Musical

João Tiago Morais: faixa 24

Participações nas gravações de estúdio

Ana Pereira: 20 e 23 (gaita de fole)
José Ratinho: 20 (tarola)
João Tiago Morais: 18 e 19 (gaita de fole)
Rui Aires: 23 (caixa e bombo)
Orquestra de Foles*: 24
*Ricardo Anastácio, Carlos Santos, Gustavo Portela e João Tiago Morais (gaitas de fole); Tiago Araújo (caixa e bombo)

Captação, Edição e Masterização

Ricardo Brito: 24
Rui Aires: 18, 19, 20 e 23

Masterização das Recolhas Sonoras

José Fortes (exceto 12, 15 e 17)

Edição das Recolhas Sonoras

Miguel Barriga

Produção do Documentário

Francisco Pimenta (guião)
Miguel Barriga (pós-produção)
Rui Aires (gravação voz-off)

Locução

Rui Aires

Tratamento de imagens

Carolina Nóbrega (Fig. 52 e 56)
Fernando Branquinho (exceto 52, 53, 56)
Miguel Costa (53)

Revisão de Texto

José Lima

Revisão Geral

Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira

Imagem de Capa

Fernando Branquinho, a partir de fotografia preto e branco (autor desconhecido)

Ilustração de Mapa

Marisa Gabadinho dos Santos

Projeto Gráfico

João Pedro Cochofel

Paginação

Filipe Wellington

Produção

Althum.com edições especiais Lda.

Tiragem

1000 Exemplares

Co-Edição

Althum.com
Rua Conde de Sabugosa, 7, 1.º Dt.º
1700-115 Lisboa, Portugal
+351 218 409 406
www.althum.com

Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita de Foles
Rua Rainha Santa Isabel, n.º 7
Cova da Piedade
2805-169 Almada, Portugal
+351 968 966 405
www.gaitadefoles.net

1ª Edição: Abril de 2022

Depósito Legal n.º 496 524/22

ISBN 978-989-683-157-8

Patrocínios

Câmara Municipal de Sesimbra
Junta de Freguesia do Castelo
Junta de Freguesia da Quinta do Conde
Junta de Freguesia de Santiago

Reservados todos os direitos. Proibida a reprodução, total ou parcial dos textos, partituras, fotografias e vídeos sem autorização prévia e por escrito dos autores e dos editores.

© Althum.com

© Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita de Foles

índice

Prefácio	5
Introdução	9
Apresentação da obra	11
Testemunho	13
Capítulo I – Sesimbra: Mar de Pescadores, Terra de Gaiteiros	19
O Concelho de Sesimbra	20
A Tradição da Gaita de Fole em Sesimbra	21
Os Gaiteiros e as Festas Religiosas no Concelho	24
1. Círio da Azóia (Nossa Sra. da Atalaia)	25
2. Círio de Sesimbra (Nossa Sra. da Atalaia)	30
3. Círio da Azóia (Senhor Jesus dos Navegantes)	30
4. Círio das Pedreiras (Nossa Sra. do Carmo ou de el Cármén)	32
5. Festa de Nossa Sra. do Cabo Espichel (antigo Círio de Sesimbra)	34
6. Festa do Castelo (Nossa Sra. da Consolação)	35
7. Procissão do Senhor Morto (Páscoa)	36
8. Festa de Santo António	36
9. Festa de Alfarim (Nossa Sra. da Conceição)	37
10. Missa do Galo (Natal)	39
11. Festa dos Santos (Santo António)	40
12. Festa da Luz (Nossa Sra. da Luz)	41
A Gaita de Fole em Sesimbra nos dias de hoje	42
Capítulo II – Memórias dos Últimos Gaiteiros Tradicionais de Sesimbra	45
Mário Quaresma Carramão	46
Etelvino Marques Ferraria	78
Linha do Tempo	86
Capítulo III – O Repertório	88
Capítulo IV – As Gaitas de Fole de Sesimbra	97
Glossário	122
Apresentação do Disco	125
Apresentação do Documentário	126
Guia de Audição	127
Partituras	129
Agradecimentos	141
Bibliografia	142

CD
pág 125



Prefácio

João Augusto Aldeia

A música tradicional é uma das componentes da cultura popular que, no concelho de Sesimbra, maior desgaste tem sofrido pela passagem do tempo, apesar de serem vários os indícios de que aqui existia uma grande riqueza e diversidade de formas musicais, das quais quase só ficaram fugazes registos textuais, tendo-se perdido a memória da música propriamente dita: a única exceção parece ter sido a recolha efetuada por José Alberto Sardinha e divulgada na sua monumental obra *Tradições Musicais da Estremadura*. Por esse motivo, assume um extraordinário valor a presente iniciativa da Associação Gaita de Foles.

Os referidos indícios sobre as tradições musicais devem-se, quase sempre, a factos acidentais, registos realizados com diversas intenções. Por exemplo, quando, na comissão conjunta do Parlamento e da Câmara dos Senadores, no final do ano de 1840, foi apreciado o pedido da Câmara de Sesimbra para que lhe fosse cedido o edifício do antigo celeiro da Ordem de Santiago, para aí instalar um teatro, o presidente do Senado – Pedro de Sousa Holstein, 1º Duque de Palmela, que aqui possuía a Quinta de Calhariz – contrariou os que diziam que não se justificava a concessão, por ser uma terra de pescadores, argumentando:

*«Eu digo, pelo contrário, que essa é uma razão mais para contribuir para esse pequeno alívio dos seus trabalhos, o qual está mesmo nos costumes daqueles habitantes, porque eu vivi nas vizinhanças de Sesimbra, e assisti frequentemente a divertimentos daquela natureza, sendo este passatempo um motivo de suas reuniões, em que descansando de seus trabalhos não cuidavam senão em prazeres que a ninguém prejudicam.»*¹

Um outro senador ainda contrapôs que o Duque se referia a «arraiais», e que para isso não seria preciso um teatro. Ora uma das romarias de Sesimbra tinha precisamente lugar em Calhariz, tendo como patrono Santo António.

1. «Rede para bordo». Sesimbra
Entre 1940 e 1970. Artur Pastor
PT-AMLSB-ART-050751
Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico

1
Ata da reunião de 27 de Fevereiro de 1841 da Comissão Mista do Senado e do Parlamento, para o exame de dois Projetos de Lei contendo várias doações de bens nacionais.

No entanto, foi nas romarias e festas religiosas populares que perdurou por mais tempo a execução musical destes grupos de amadores, de que os gaitiros de Sesimbra são os derradeiros representantes. Não havia romaria sem arraial e bailarico, e muitas das quais ainda hoje se mantêm – Senhora del Carmen (na Arrábida), Senhora do Cabo (no Espichel), Senhora da Luz (em Sampaio), Senhora da Conceição (em Alfarim), para além de outras entretanto esquecidas, como a do Senhor dos Navegantes (na Baralha, próximo da Azóia), a da Senhora da Consolação (no Castelo de Sesimbra), e a de Santo António (em Calhariz).

Quanta riqueza musical perdida no enevoadado da nossa memória coletiva! Saudamos por isso, mais uma vez, a iniciativa da Associação Gaita de Foles, por ter resgatado do esquecimento os tocadores de gaita de fole da Estremadura, e do concelho de Sesimbra em particular, neste inestimável trabalho de recolha das nossas tradições musicais.



► 2. Santuário de Nossa Sra. do Cabo Espichel. Sesimbra
1989. Jorge Barros

Introdução

O livro que tem nas mãos é fruto da colaboração de um largo conjunto de pessoas que, para além do trabalho de pesquisa e recolha, tiveram e continuam a ter a valiosa oportunidade de viver na primeira pessoa algumas das práticas musicais mencionadas nestes textos.

É por certo essa vivência no terreno, quer nas romarias ou nos peditórios, e as experiências humanas ali partilhadas, que acentuou o desejo de colocar estes testemunhos e intervenientes no lugar de destaque que lhes é merecido. Lugar esse que, no nosso entendimento, justifica não só a elaboração de um livro, mas sim de uma Coleção que permita abranger toda a região da Estremadura, que tem nestas formas musicais ancestrais um grande legado.

A **Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita de Foles**, fundada em 1999, é desde então um núcleo de pessoas que, de uma forma apaixonada e colaborativa, dão o melhor de si na busca de conhecer e salvaguardar este Património Cultural Imaterial que, como bem sabemos, tende a ser remetido para os confins da memória coletiva. A sua valorização é, acima de tudo, a das pessoas que compõem as comunidades, é reconhecer a importância e vitalidade dos seus intervenientes, funções e sentido das suas práticas.

O nosso trabalho tem um lado humano que deve ser sempre salientado, pois entender o fenómeno associativo é compreender que ele não se esgota apenas e só numa finalidade, que ele é cíclico, que gera e regenera possibilidades e oferece a oportunidade da continuidade.

Em jeito de resumo, com esta Coleção é nossa intenção não só valorizar e perpetuar a memória dos gaitiros estremenhos, mas também contribuir para a continuidade desta prática musical, seja através da nossa Escola, dos nossos canais de comunicação (site e redes sociais) ou dos eventos por nós

fomentados, em que participamos com a Orquestra de Foles, a banda da Associação Gaita de Foles.

Em suma, é nosso desejo contribuir para que esta roda continue bem viva e a girar, roda essa que poderíamos chamar “tradição”?

João Tiago Morais
Presidente da Direção

Apresentação da Obra

O capítulo que abre a presente obra oferece-nos uma contextualização da tradição da gaita de fole em Sesimbra, onde o instrumento permaneceu associado a importantes festividades religiosas, as quais são resumidamente apresentadas neste texto de **Francisco Pimenta, Henrique Soares Oliveira e José Teixeira Gomes**. Foram reunidas fontes antigas e testemunhos orais recentes sobre esta prática musical no concelho, assim como imagens de grande raridade e significativo valor patrimonial.

Segue-se um capítulo de **Henrique Soares Oliveira**, dedicado aos últimos gaiteros tradicionais sesimbrenses. De destacar a “descoberta” de uma linhagem de, no mínimo, quatro gerações de tocadores nascidos em Sesimbra, o último dos quais ativo até finais do séc. XX: Mário Quaresma Carramão. As suas memórias revelaram-se essenciais para o registo da história local desta tradição nos últimos cem anos. O texto dá ainda destaque a Etelvino Marques Ferraria, derradeiro tocador de uma segunda família de gaiteros do concelho.

No terceiro capítulo, **José Alberto Sardinha** apresenta-nos o repertório dos gaiteros de Sesimbra, com uma rica contextualização histórica das respetivas danças populares.

As características das gaitas de fole destes tocadores são o tema do quarto e último capítulo, da autoria de **Pablo Carpintero Arias**. Um dos aspetos mais importantes do estudo realizado é a revelação da antiguidade dos instrumentos, presentemente em fase de musealização.

O livro é acompanhado por um CD, em que são dadas a conhecer as únicas recolhas musicais (acompanhadas das respetivas partituras) efetuadas a gaiteros sesimbrenses, realizadas por **José Alberto Sardinha** em 1995, durante o peditório para uma das festas locais mais antigas.

Além desses registos sonoros, o disco inclui a participação de **Ana Pereira** e **João Tiago Morais** tocando as réplicas das gaitas de fole de Sesimbra. Inclui-se ainda a interpretação de arranjos de alguns dos temas recolhidos, executados por músicos da Associação Gaita de Foles, com destaque para a sua **Orquestra de Foles**.

Esta obra inclui ainda um documentário resultante da importante recolha em vídeo também efetuada por **José Alberto Sardinha**, a quem agradecemos a inestimável colaboração na obra, incluindo a cedência de fotografias que realizou durante o seu valioso trabalho de investigação no concelho.

Devemos igualmente um agradecimento especial a **João Augusto Aldeia**, que, além do interessante prefácio, colaborou com imagens da sua coleção pessoal e forneceu, por iniciativa própria, informações relevantes que muito enriqueceram este trabalho.

Finalmente, a nossa maior gratidão aos tocadores **Etelvino Ferraria** e **Mário Carramão**, assim como às respetivas famílias: além da confiança e forma prestimosa com que nos receberam, facilitaram o acesso aos instrumentos e contribuíram com documentos e testemunhos orais importantes.

Esta obra constitui uma justa homenagem aos dois últimos gaitiros tradicionais de Sesimbra e seus antepassados, que trouxeram até aos nossos dias uma prática musical de grande riqueza cultural, agora partilhada com o público. É dedicada a todos os sesimbrenses, desejando que possa constituir um incentivo para a revitalização da gaita de fole no concelho.

Francisco Pimenta
Coordenador da Coleção

Testemunho

José Alberto Sardinha

Quando, em 1976, iniciei as minhas recolhas musicais na Estremadura, não existiam investigações etnomusicais que indicassem a permanência na margem sul do rio Tejo de gaitiros ainda ativos durante o séc. XX, e particularmente no final da centúria. Nem Ernesto Veiga de Oliveira, nem Michel Giacometti, nem, mais recuadamente, Armando Leça o referiam. O primeiro escreveu mesmo que a gaita de foles «*parece ser desconhecida ao sul do Tejo*.» (OLIVEIRA, 2000, p. 226)

Em 1978 fiz conhecimento com um grupo de gaitiros trans-taganos que tocava na procissão da festa de Sto. Onofre, na Vermoeira, Azueira, Mafra. A partir de então, com a intermitência própria de quem não pode dedicar todo o seu tempo à pesquisa etnomusical, e no âmbito da investigação que haveria de resultar na escrita do meu livro *Tradições Musicais da Estremadura*, fui contactando, entrevistando e gravando os gaiteiros da Península de Setúbal.

Só em 1995 acabei por conhecer e gravar o gaiteiro Mário Quaresma Carramão, de Maçã, concelho de Sesimbra. Entrevistei-o brevemente enquanto trabalhava na sua horta (*vide*, na presente obra, fotografias que então lhe tirei) e, pouco depois, acompanhei-o no peditório do círio da Azóia à Senhora da Atalaia, altura em que realizei a gravação dos trechos musicais que integram o CD e em que filmei as imagens que também vão publicadas com este livro.

Entrevistei também o gaiteiro Etelvino Ferraria, de Almoinha, mas já não tocava desde os anos 1960. Tanto ele, como o Mário Carramão aprenderam com seus pais, que também eram gaiteiros e de quem herdaram todos os conhecimentos músico-instrumentais de que eram portadores.

A principal função que ainda hoje exerce a gaita de foles na região transtagana é, semelhantemente ao que sucede na Estremadura cistagana, o acompanhamento dos círios.



As antigas funções de animação dos bailes dominicais, ou das desfolhadas, ou da pisa da uva, ou do acompanhamento das contradanças de entrudo (em Sesimbra era costume realizarem-se estes cortejos músico-coreográficos de rua) cessaram por completo.

Cessando estas outras funções, restaram os círios, onde a gaita de foles continuava, ainda nos finais do séc. XX, a desempenhar um papel de relevo que os romeiros desejavam e respeitavam. As gentes de Sesimbra têm particular devoção à Senhora da Atalaia e à Senhora do Cabo.

Quando, na década de 1990, acompanhámos estes círios, notámos a diferença das festas em cada um desses santuários. A afluência à Senhora do Cabo encontrava-se em acentuado declínio, tal como, aliás, os quartéis e o próprio templo. O “giro dos saloios” só raramente ali se deslocava, limitando-se os festejos aos círios de Azóia, Palmela e de Sesimbra, este no último Domingo de Setembro. Os pescadores de Sesimbra permaneciam vários dias no Espichel, pois os festejos duravam três dias: sábado, domingo e segunda-feira. A parte religiosa consistia em missa cantada, às 15 horas de Domingo, seguida de procissão. Esta dava uma grande volta, chegando à ponta do promontório, local de grande beleza e imponência natural, em precipício sobre o mar, onde o sacerdote procedia à bênção do oceano.

Os bailes tinham lugar no arraial, no sábado e domingo à noite, bem como segunda-feira à tarde, a cargo de conjuntos musicais modernos. Recolhemos testemunhos de sesimbrenses que se recordavam dos bailes à gaita de foles e à concertina durante as noites dos círios, por volta dos anos 1960. Outros recordaram os bailes de roda que enchiam o arraial, de que gravámos um ou outro exemplar musical. Também registámos as loas à Senhora do Cabo, espécie de recitativo outrora interpretado pelos “anjinhos” que integravam o círio, mas que, na altura, já tinham caído em desuso.

Gravámos ainda um cântico religioso, mas na verdade não nos foi transmitido um hino específico de louvor a Nossa Senhora do Cabo. Em 1865 foi composto por Celestino Rosado Pinto um cântico à Senhora do Cabo, mas não chegou até nós lembrança dele na tradição oral, nem de qualquer outro que tivesse entretanto sido entoado pelo povo sesimbrense.

3. Procissão religiosa. Cabo Espichel, Sesimbra

1989. Jorge Barros



4. Localização do concelho de Sesimbra e respetivas freguesias

5. «Embarcações fundeadas junto de Sesimbra»

Entre 1957-1961. Artur Pastor
PT-AMLSB-ART-000989
Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico

Capítulo 1

Sesimbra:

Mar de Pescadores, Terra de Gaiteiros

**Francisco Pimenta
Henrique Soares Oliveira
José Teixeira Gomes**



O concelho de Sesimbra

Sesimbra localiza-se no extremo sul da Estremadura¹, na Península de Setúbal, e está sujeita a duas contingências geográficas principais: a Serra da Arrábida e o Oceano Atlântico, destacando-se o promontório do Cabo Espichel e a baía onde está localizada a vila sede do concelho.

As condições naturais influenciaram a economia tradicional do concelho, outrora essencialmente ligada às artes da pesca e indústria conserveira, concentradas na freguesia ribeirinha de Santiago, e às atividades agropecuárias e de exploração de pedreiras, na freguesia rural de Nossa Senhora da Consolação do Castelo².

Ainda nos anos 60 do séc. XX, as comunidades locais tinham uma existência relativamente fechada e, em boa parte, auto-suficiente:

►

6. «Casa». Alfarim, Sesimbra

O gado muar e asinino era utilizado, pela população ribeirinha e rural de Sesimbra, como meio de deslocação e transporte de bens 1957
PT-OA-IARP-STB-SSB00-025
Inquérito sobre a Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)
© Ordem dos Arquitetos



1

Antiga província portuguesa, cujo nome é utilizado hoje em dia sem significado administrativo. Corresponde, *grosso modo*, a uma área litoral que começa junto a Leiria e se estende para sul até à cidade de Setúbal, na foz do Rio Sado.

2

A terceira freguesia do concelho, Quinta do Conde, tem existência mais recente.

«Esta aldeia [Alfarim] pode considerar-se a horta e pomar do “Campo” e de todo o concelho. (...) As “Alfarinheiras” (...) calcorreiam, mal o sol é nado, as estradas conduzindo verdadeiros comboios de burricos ajouçados sob o peso de sacos com hortaliças, de cestos com frutas e ceirões de batatas, legumes e até de flores. (...) Nas terras inclinadas há vinha e pelos plainos estendem-se as manchas de cevada e trigo, centeio e milho.» (jornal O Sesimbrense, de 07-05-1961)

Outra notícia da época refere-se assim à aldeia das Pedreiras:

«Este é um dos mais pobres lugares da freguesia do Castelo. (...) Os seus habitantes vivem, em especial, do amanho da terra, da exploração de pedra em lugares vizinhos e, também, da pesca em épocas próprias.» (Idem, de 19-02-1961)

A tradição da gaita de fole³ em Sesimbra

«Aconteceu numa tarde de sol estival, após uma visita a este santuário [do Cabo Espichel]. (...) Deparámo-nos, de repente, com um grupo de homens caminhando em fila, trajando opas brancas, entre os quais, dois a tocar gaita-de-foles e caixa! (...) De imediato nos transportou para os primórdios da música e para o papel ritualístico na vivência religiosa.» (2005, p. 23)

Luís Marques, antropólogo e investigador

Juntamente com Palmela, Sesimbra constitui o limite sul da distribuição dos gaiteiros tradicionais em Portugal desde o século XX.



▲

7. «Casas de colmo». Alfarim, Sesimbra 1955
PT-OA-IARP-STB-SSB00-012
Inquérito sobre a Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)
© Ordem dos Arquitetos

3

Optamos pela designação ainda usada por alguns gaiteiros tradicionais portugueses (e não “gaita de foles”, atualmente a mais comum), pois em Portugal possui um único fole.

Tal como no resto da Estremadura, **neste concelho a gaita de fole perdurou associada às festas patronais e aos círios**, sendo de sublinhar o carácter mariano de boa parte destas festividades religiosas.

O círio é uma confraria popular na qual os seus membros (nomeadamente o juiz e demais festeiros) assumem a obrigação de efetuar ciclicamente uma romaria coletiva a um santuário, mais ou menos distante da zona de origem do círio. Realizado durante um calendário estabelecido, inclui práticas religiosas, e profanas, com origem nos votos de pedido de proteção e agradecimento às forças divinas: *«Porque o perigo é ou foi colectivo, também a promessa o é, devendo ser paga pela comunidade como um todo ou por uma confraria em seu nome, ao longo de sucessivas gerações de romeiros.»* (PATO, 2008, p. 24)

Trata-se de uma forma de religiosidade popular eivada de elementos pré-cristãos, que subsiste em diversos locais da Estremadura.



▲
8. Peditório com gaiteiro e tamboreiro (ampliação da figura 9)

Primeiras décadas do séc. XX

►
9. Peditório com gaiteiro e tamboreiro, vendo-se ao fundo o Castelo de Sesimbra antes da reconstrução de 1933-1945

Primeiras décadas do séc. XX. Fotógrafo não identificado
CMSA/CX 15/P3/MÇ/0000 Foto 30
Arquivo Municipal de Sesimbra

4
Uma fotografia antiga (Figura 52) registou um gaiteiro sesimbrense tocando com um requintista. Seria um tipo de formação outrora existente no concelho?



signa esse tocador por “tamboreiro”, e o seu instrumento por “tambor”. No entanto, este tipo específico de percussão, de fuste em madeira e membranas em pele, veio a ser substituído pela tarola, pelo menos desde 1941⁵. É de notar que o derradeiro gaiteiro tradicional sesimbrense já se referia a ambos os instrumentos rítmicos, e seus executantes, por “caixa” (*vide* capítulo seguinte).

Nos círios, também era tradição este duo musical integrar o cortejo que rumava ao santuário, tocando na partida, à passagem pelas localidades e na chegada. E o mesmo sucedia no regresso a casa, no último dia da festa.

No século XX, o seu repertório ainda incluía a Alvorada, um dos géneros musicais mais característicos dos antigos gaiteiros portugueses (*vide* Capítulo 3 e Disco), que era ouvida nas manhãs de dias de festa, por vezes ainda de madrugada.

Tal como noutras regiões de Portugal, a gaita de fole ouvia-se a solo nas missas de festas patronais, de círios e de Natal (Missa do Galo). Notícias de jornal e fontes orais referem-se a estas práticas no século XX, na Atalaia, pelo Círio da Azóia, e em Alfarim, como iremos ver. A sua função neste contexto terá desaparecido das festividades das gentes de Sesimbra nos anos sessenta do século XX.

Até à década de 1990, no entanto, a gaita de fole continuou a interpretar a solo uma música, intitulada “Ladainha”⁶, dentro de capelas e igrejas, após a missa festiva do patrono local ou

▲
10. «Cezimbra: O gaiteiro com (...) anunciando festa (...)»

Duo de gaiteiro e tamboreiro tocando na vila de Sesimbra (foto estereoscópica)
C. 1920? * Fotógrafo não identificado
Coleção Particular de Luís Filipe Fialho

* Datação presumível a partir da análise comparativa de várias chapas que se supõe serem do mesmo autor.

5
Manuel Carvalho, tocador de tarola que acompanhou com este instrumento o último gaiteiro tradicional de Sesimbra, integrou a «Troupe Jazz Zambujalense» pelas décadas de 1940/50 (FREITAS, 2006, p. 296). É por isso possível que a substituição do tambor pela tarola tenha origem nestes conjuntos musicais.

6
Por definição, é uma prece em que se roga a Deus, à Virgem ou aos santos para intercederem pelos fiéis.

gaita de fole, caixa e bombo²⁷ formado por José Gomes, Mário Rui Melo e Vítor Rodrigues, que têm participado no Presépio Vivo do Castelo de Sesimbra, na Festa das Lavadeiras do Meco, no Festival do Peixe Seco e na Cerimónia de Receção à Comunidade Educativa do Concelho, por exemplo.

Outra “novidade” é, desde 2015, o convite aos gaiteros do Círio da Azóia para tocarem na igreja do Santuário de Nossa Sra. do Cabo Espichel, no início da missa vespertina do sábado, quando se realiza o peditório nesse local. Tal parece ficar a dever-se a uma particular sensibilidade do pároco às manifestações de cultura popular.

Em Outubro de 2018, foi criada uma Escola de Gaita de Fole na Junta de Freguesia da Quinta do Conde, que tem vindo a receber um número crescente de alunos, na sua maioria residentes no concelho de Sesimbra.²⁸

Em resumo, no século XXI tem-se assistido à reconfiguração e renovação das práticas dos gaiteros, num contexto de grandes mudanças nas antigas festas populares locais, com o declínio de algumas, patente na escassez de interessados na sua organização.

O capítulo seguinte dá a conhecer algumas memórias das vidas dos derradeiros gaiteros tradicionais sesimbrenses: Etelvino Ferraria, falecido em 2000, com 76 anos; e Mário Carramão, falecido em 2011, aos 87 anos de idade.

►

27. Mário Carramão, Gaitero da Maça. Sesimbra

1995. José Alberto Sardinha

27

É de notar que o bombo não faz parte do acompanhamento tradicional da gaita de fole neste concelho.

28

As aulas resultam de uma parceria com a Associação Gaita de Foles, e utilizam instrumentos da oficina Sons da Música, localizada em Torres Vedras (Estremadura).

Capítulo 2

Memórias dos Últimos Gaiteros Tradicionais de Sesimbra

Henrique Soares Oliveira



Mário Quaresma Carramão: Gaiteiro da Maça

A infância

Manuel Rafael Vicente nasceu em 1861 no Zambujal¹, freguesia do Castelo, onde casou² e teve dez filhos. Tendo enviuvado, mudou-se para a aldeia da Maça³, na mesma freguesia, onde teve mais três crianças, de Maria Amélia⁴. Mário Quaresma Carramão foi um dos filhos deste segundo casamento, tendo nascido a 28 de Abril de 1924, quando o seu progenitor contava 62 anos de idade:

*"O meu pai tinha aí duas propriedades e eu nasci numa delas. Eu deveria ter o Vicente. No registo não puseram nada que apanhasse o nome do pai. Quaresma e Carramão é da parte da minha mãe."*⁵

► 28. Mário Carramão, aos 85 anos de idade
2010. Miguel Barriga



1 De acordo com o seu assento de nascimento.
2 Conforme o respetivo assento de casamento.
3 Mais precisamente para o lugar da Quintola da Maça.
4 Nascida cerca de 1898.
5 São os apelidos do seu avô materno, de acordo com o seu registo de nascimento. Isto deve-se ao facto de os seus pais ainda não serem casados quando nasceu, o que viria a suceder em 1928. Contudo, Mário Carramão foi perfilhado pelo pai logo aquando do nascimento.

Manuel Rafael Vicente provia o sustento da família em diversas atividades:

"O meu pai era pedreiro. Fazia casas. Fazia o trabalho todo. Punha uma casa à porta fechada. Fazia portas. Trabalhava de pedreiro e carpinteiro. Sabia, sabia... Trabalhava muito nessas paredes feitas a pedra. Agora é quase tudo a tijolo. Isto há aí casas feitas pelo meu pai e meus irmãos, mesmo aqui na Maça. É tudo feito a pedra. Tudo pedra e cal, pedra e cal, pedra e cal."

E dedicava-se ainda à lavoura das suas propriedades, em que contava com a ajuda dos filhos:

"Naquele tempo trabalhava sempre junto com os meus pais. O meu pai tinha duas propriedades muito grandes."

Não obstante Mário Carramão ajudar a família no cultivo das terras, teve a possibilidade, que outros no seu tempo não tiveram, de frequentar a escola:

"Andei lá uma temporadazita, mas eu queria saber era de ir aos pássaros, aos ninhos. [risos] Não era dizer que não gostasse. Não ligava assim maior." Mas terá chegado a aprender a escrever? "Aprendi qualquer coisita."

Algumas décadas mais tarde, esta zona do concelho permanecia ainda relativamente isolada:

«A Maça parou em relação a outras aldeias do nosso concelho. (...) As suas criancinhas que frequentam as escolas, têm de andar diariamente cerca de 6 quilómetros a pé, sobre



▲ 29. «Casa. Alfirim, Sesimbra»
Casa tradicional da região, vendo-se o galinheiro e o forno do pão.
1957
PT-OA-IARP-STB-SSB00-026
Inquérito sobre a Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960)
© Ordem dos Arquitetos

Além deste círio, apenas fazia o das Pedreiras à Ermida de Nossa Senhora do Carmo/de el Cármem²⁹, na Arrábida, que, todavia, não incluiu neste tipo de festejos:

"Então, círios daqui é só um. Só havia aqui o Círio da Azóia, que ia para a Atalaia, fazer a festa da Atalaia. O mais, era festas feitas aqui no concelho."

Um antigo juiz da Festa de Nossa Senhora do Carmo/de el Cármem³⁰ lembra: *"O peditório era feito com gaitero e tamboreiro. Aqui era o Mário. Chamavam-lhe o Mário da Maria Amélia, que a mãe dele chamava-se Maria Amélia. O tamboreiro era ali do Zambujal. Eu conhecia-o só por Manuel Pá Pum³¹. Ó pois mais tarde, esse deixou de vir, que já estava idoso. Passou a vir um rapazito que era filho do Mário Gaitero. Um chamado Valdemar."* Recorda-se de ouvir o gaitero a solo, numa certa altura da festa: *"Tocava a la-dainha, dentro da capela, à tarde. Era a entregar a bandeira ao próximo juiz. Por volta das 7 horas."* Nesse mesmo dia, depois de voltarem da ermida, o gaitero e o tamboreiro acompanhavam a bandeira até à casa do juiz³² novo. E revela: *"O Mário era muito ralhão. Andava sempre a ralar com os tamboreiros, que não acompanhavam bem lá a gaita dele. [risos]"*



faixas
3, 6, 8 e 12

O repertório

Recorda que começou por tocar temas que já conhecia, tirados "de ouvido":

"Aprendi com o meu pai os números antigos dele. Tocava valsas, marchas, fandangos, corridinhos. Era aquilo que me vinha à ideia, e que soubesse. Valsas tocava tantas e bonitas, pá. Era o que havia. Tocava um fadozinho jeitoso. E ainda me lembro de um vira ou dois..."

Por várias vezes se referiu a um certo género musical:

"Tocava os fandangos que ouvia o meu pai tocar. Não era só um. Era vários. Tocava tanta droga, tanta coisa. Umas que eu aprendia



e outras até eu as fazia. Até eu fazia certas músicas para tocar, pode crer! Eu tinha muito reportório, tinha muita coisa: umas modernas, outras antigas."

Quanto a outras modas daquele tempo, não está bem certo. Mas ao aventarmos as mazurcas, lembrou-se de imediato de um outro género:

"Eram mazurcas, era polcas, eu sei lá. Meu pai é que dava o nome a essas coisas, que eu já não me lembra. Só tocado na gaita de foles."

Sobre um género musical que os gaiteros tocavam de manhã, em dias de festa, voltou a referir prontamente:

"Era a alvorada da manhã. Aprendi com o meu pai. Tocava porque o meu pai tocava a alvorada. E eu nessa altura aprendi aquilo." Salienta que *"nem todas são iguais"*, com certeza referindo-se a alvoradas que terá ouvido a outros gaiteros.

Apesar de ter continuado a tocar alguns temas "antigos", tem brio no seu repertório mais recente, de temas com nome e autor conhecidos:

▲
40. Peditório para o Círio da Azóia: Mário Carramão acompanhado pelo caixa e os festeiros. Faúlha, Sesimbra 1995. José Alberto Sardinha



faixa
1

²⁹ Situada no concelho de Setúbal.

³⁰ José António Mendes Conde (n. 1938), natural e morador nas Pedreiras. Foi festeiro e juiz entre 1962 ou 1963 e 1974.

³¹ Manuel Carvalho.

³² Relembrou também: *"Quando o juiz fazia a festa, tinha que arranjar uma moça. Chamavam-lhe a juíza. No dia da festa, nós comissão [organizadora], íamos buscar a juíza, e ela tinha lá umas coisitas pra petiscar. E depois acompanhava a festa como se fosse uma festeira."*



▲
41. Peditório para o Círio da Azóia:
Mário Carramão e Ernesto Rafael.
Sesimbra

1995. José Alberto Sardinha



**faixas
5, 10, 14 e 16**

³³
Referindo-se ao V Encontro Nacional de
Gaiteiros, organizado pela Associação
Gaita de Foles.

³⁴
Gaitero António Bernardes, já mencio-
nado.

*"Tocava fandangos, tocava muita coisa. Mas tocava muitos nú-
meros que cá se tocam há vinte ou trinta anos. Eu tocava muitos
números modernos d'agora."*

Orgulha-se tanto mais deste seu repertório, quanto considera
distingui-lo dos restantes gaiteiros:

*"Eu ouço os gaiteiros agora, não tocam um número que seja
conhecido. Não sei que números é que eles tocam. Eu estive no
Pinhal Novo, a ver³³. Os gaiteiros todos não tocaram um número
destes modernos. Não sei porquê. Oiço aí esse que é aqui das
Arroteias, um que toca agora nas festas, o Antóino³⁴. Nunca o
ouvi tocar um número que eu entendesse, que eu conhecesse." E
exemplifica: "O conjunto Maria Albertina: não era bonito? Tocava
tão bem na gaita de foles isso, pá. Eu tocava isso a brincar... Toca-
va bem, mas bem, como ela tocava na concertina. [trauteia uma
música desse conjunto]. É tão bonito isto, pá!"*



Apesar de quase toda a vida
ter tocado caixa ou gaita de fole, é
apreciador de outros instrumentos:

*"Gosto da gaita de foles. Adoro acordeão, clarinete, saxofo-
ne. São os que gosto mais de todos. Ah, e a guitarra."*

▲
42. Gaita de fole de Mário Carramão
antes do restauro

2019. Pablo Carpintero Arias

A gaita de fole

Para designar as diferentes partes do instrumento, utili-
zou os termos: "fole", "vestido" ("o vestido do fole"), "fran-
ja", "palheta", "palhão", "ponteiro", "assoprete" e "buxas"³⁵.

Quando questionado sobre o nome do tubo bordão,
esclareceu:

*"A gente chama-lhe a vara da gaita. Outros chamam-lhe a
ronca." E o seu pai como chamaria? "A vara. O nome é a
vara da gaita." Do tudel da palheta tanto diz que é um
"canudinho", como um "canudozinho", como "um canudo
em metal". Designou sempre por "gaitero" o tocador do
instrumento que chama de "gaita de foles". Garantiu usar
exatamente os mesmos termos que o seu pai.*

**Assista a momentos
da conversa com
Mário Carramão.**

Aponte
o telefone
para o
código QR



Disponível no Youtube
"Gaiteiros de Sesimbra 02"

³⁵
Vide Glossário.

O fechar de um ciclo

Mário Carramão não provia o sustento da sua família apenas graças aos seus serviços como gaitero. Além desta atividade, dedicou-se à agricultura e, como referido, desde jovem exerceu a profissão de barbeiro:

"Estava lá a cortar barbas e cabelos aos sábados e aos domingos, que é dia de mais clientela. E trabalhava na horta durante a semana. Trabalhava na horta para vender. E depois, quando os fregueses largam do trabalho, eu largava a horta e vinha para aqui para casa, para começar a cortar cabelos e barbas."

Vendia os hortícolas a clientes que o procuravam em casa, mas também fazia feiras e mercados da região, pelo menos até 1995:

47. Mário Carramão na sua horta, aos 71 anos de idade. Maçã, Sesimbra

1995. José Alberto Sardinha



"Amanhã, logo de manhã, vou vender para o mercado de Azeitão." (SARDINHA, 2000, p. 505)

Em 2009 já tinha abandonado a atividade comercial e a lavoura:

"Agora é que não sou capaz de trabalhar nem para o gasto da casa. E já não trabalho de barbeiro. Depois tive um problema na vista... Já não trabalho há uns doze anos, ou quinze [em relação a 2009], como barbeiro."

Terá gradualmente deixado de aceitar contratos como gaitero pelo final da década de 1990, pois mencionou que já não fez festas *"no tempo do Euro"*⁴⁸. Porém, continuou a tocar por mais algum tempo, na Maçã:

"Há três anos [2006] ainda tocava gaita. Já não fazia peditórios, mas ainda tocava. Tocava lá em casa, quando me apetecia."

A 13 de Junho de 2009, foi homenageado por iniciativa da Associação Gaita de Foles. A cerimónia decorreu no âmbito do V Encontro Nacional de Gaiteros, integrado nas festas do Pinhal Novo (Palmela). Enquanto os gaiteros tradicionais atuavam em palco, mantinha-se atentíssimo. Perante uma prestação menos feliz de um dos participantes, encolheu os ombros:

"Se eu pudesse, mostrava-lhe..."

Mas, ao ouvir um outro gaitero, o "Tóni da Gaitas"⁴⁹, aplaudiu:

"Este sim, sabe. Faz o que quer da gaita!"

No programa para essa noite, podia ler-se: *«Às 21h30 - Homenagem ao Gaitero Mário Quaresma Carramão»*. E assim foi. A essa hora subiu ao palco e foi reconhecido pela sua notável atividade de gaitero ao longo de aproximadamente 65 anos. Na plateia, aclamavam-no algumas centenas de pessoas, entre as quais dezenas de gaiteros tradicionais e das novas gerações.



48. Homenagem da Associação Gaita de Foles a Mário Carramão. Pinhal Novo, Palmela

2009. Registo da família

48. O Euro substituiu o Escudo em 2002.

49. O famoso gaitero tradicional António Ribeiro (n. 1941, Valpaços), residente no Porto.

Etelvino Marques Ferraria: Gaiteiro da Almoinha

Manuel Marques Ferraria nasceu na Cotovia a 14 de Julho de 1879. O sustento da família era garantido pelo seu ofício de sapateiro⁵⁰ e complementado não só pela profissão de gaiteiro, mas com certeza também por alguma lavoura.

Numa fotografia rara [Fig. 52], conservada pela família, aparece tocando uma gaita de fole acompanhado por um tocador de requinta.

Mário Carramão, que em criança conheceu este gaiteiro, sempre contava um episódio:

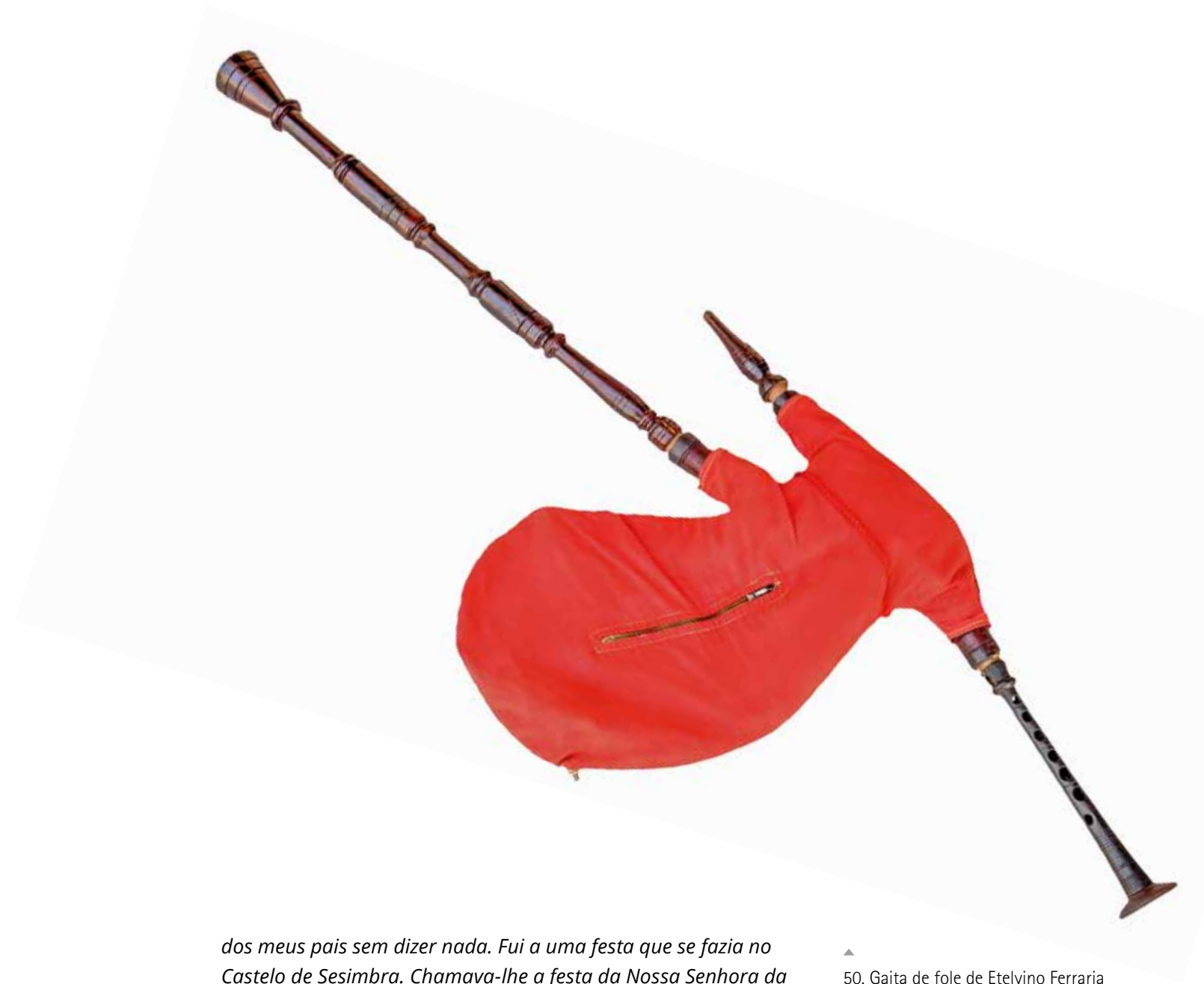
“O velho era só ver-me onde é que eu estava, mandava logo o caixa: ‘Larga lá a caixa da mão! Entrega aqui a este rapaz.’ Eu gostava muito de tocar caixa na companhia dele... Uma vez abalei

► 49. O gaiteiro sesimbrense Etelvino Ferraria: 1923-2000

Década de 1970? Foto Manouche
N.º 545
Espólio da família



50
Esta profissão é indicada no registo de nascimento do seu filho Etelvino.



▲ 50. Gaita de fole de Etelvino Ferraria
2020. Pablo Carpintero Arias

dos meus pais sem dizer nada. Fui a uma festa que se fazia no Castelo de Sesimbra. Chamava-lhe a festa da Nossa Senhora da Conceição⁵¹ (parece que era essa festa). Cheguei lá, ele mandou logo para o colega que estava a tocar caixa: ‘Olha lá, entrega lá a caixa a esse rapaz’. Que ele gostava muito que eu tocasse caixa na companhia dele. Lá estive a tocar na companhia dele, o Manuel Ferraria⁵². Gostava, pois.”

Dos seus catorze filhos, pelo menos dois foram gaiteiros.

Um era Elegário Ferraria, que tocou gaita de fole “na altura das festas” durante “muitos anos”, nomeadamente no peditório para o Círio da Azóia. E foi saxofonista num “jaze”⁵³ de Santana.⁵⁴

Outro, mais novo, era Etelvino Marques Ferraria, nascido a 6 de Dezembro de 1923, na Cotovia. Aos onze anos de idade,

51
Queria dizer Festa de Nossa Senhora da Consolação, que se realizava no Castelo de Sesimbra.

52
Segundo Dionísio Ferraria, neto de Manuel Ferraria, este também tocava outros instrumentos musicais, que ensinou a diversos filhos. Um desses era a concertina, com a qual animava bailes na zona.

53
Vide Glossário.

54
Testemunho de José António Conde (n. 1938), juiz da Festa de Nossa Senhora do Carmo/de el Cármén, em 1962 ou 1963, e festeiro até 1974.



51. Caixinha das palhetas de Etelvino Ferraria

2020. Pablo Carpintero Arias



52. O gaitero Manuel Ferraria, acompanhado por tocador de requinta e festeiros

Década de 1910-1920? Fotografia não identificada

Espólio da família

cerca de 1935, começou a tocar caixa acompanhando o seu pai nas festas. E mais tarde aprendeu a tocar gaita de fole. Além da profissão de gaitero, também herdou do pai o ofício de sapateiro. Após ficar viúvo de Brasilina Anselmo, casou com Alda Carvalho e mudou-se para a Almoinha. Mário Carramão, que o conheceu bem, elogiou:

"Havia aí um gaitero, e bom, e bom. Um rapaz novo. Isto é, era da minha idade, naquele tempo. [risos] O Etelvino. Morava ali na Almoinha. Era um gaitero muito bom. E o pai dele também não era nada mau. Tanto pai como filho eram bons. Bons mas bons, ohhh se eram."

"Ponteiro", "ronca", "soprete" e "fole" eram os termos que Etelvino utilizava para designar as peças da gaita de fole, que foi herdada do seu pai (SARDINHA, 2000, p. 392). Mário Carramão tem memória deste instrumento⁵⁵:

"Aquilo era um ponteiro afinadinho, que aquilo era uma classe, pá... Tinha um toque mesmo lindo! A gaita de foles dele era igual à minha. Quando não ia eu tocar, ainda cheguei a emprestar esta que está aqui para o Etelvino fazer a festa. Ia no meu lugar." Recorda que esse gaitero também fazia as suas próprias palhetas.

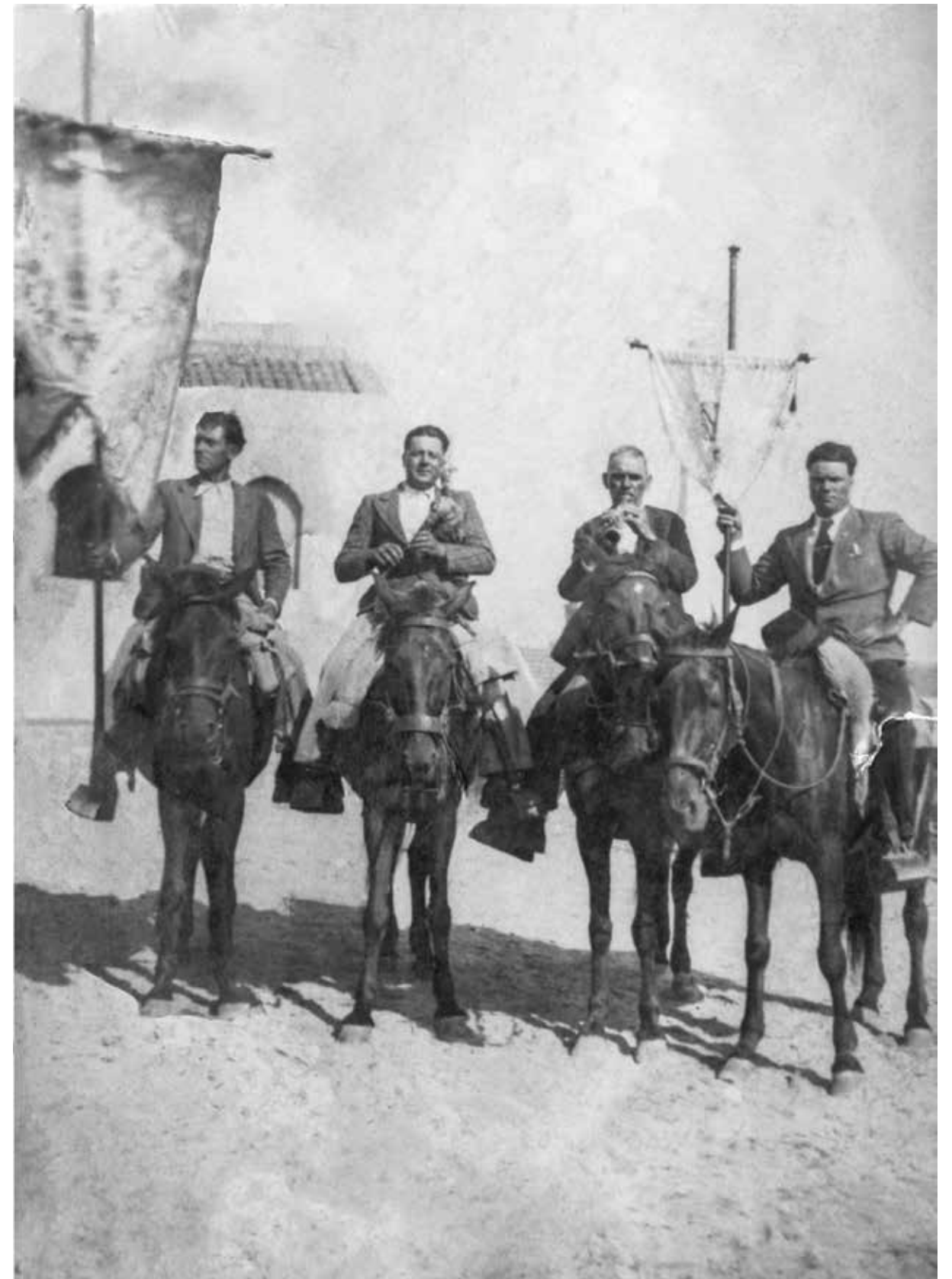
Em 1999, quando teria 75 anos de idade, Etelvino Ferraria matava o tempo e a solidão descansando a uma mesa do café do filho. Aí, certa vez recordou que ele, tal como o seu pai, tinha usado foles de pele de cabrito. Para as curtir usavam pedra-ume e, de seguida, aplicavam-lhes vinho. Por fim, o lado do pelo, depois de ser rapado, era o que ficava voltado para o exterior do fole.

Manuel e Etelvino Ferraria tocavam gaita de fole nos mesmos contextos e festas que Mário Carramão, conforme referido por este:

"Se lhe falavam a eles para ir tocar, iam eles, não ia eu."

55

Esquecido num sótão há pelo menos 20 anos, foi localizado no âmbito da pesquisa para esta obra. Vide Capítulo 4.





▲
53. Peditório para o Círio da Azóia: gaitiro e caixa acompanhando a "tirada". Sesimbra

1975. Paulo Aldeia

Certa vez, andava um gaiteiro da Almoinha (seguramente Etelvino) a tocar pelo Zambujal, no peditório para a festa de Alfarim, quando a "tirada" foi abruptamente interrompida. Quem conta é Edgar Casaca (n. 1940, Zambujal), que residia na casa dos pais, com a tia e a avó, onde teve lugar este episódio:

"Aconteceu a 18 de Dezembro de 1961, por volta das 10h da manhã. E estava a falar com o gaiteiro e o que toca pandeireta⁵⁶. Os responsáveis pelo pedido na aldeia recebiam bens para eles depois formar valor para a festa. A minha tia deu meio alqueire de milho; a minha avó não sei o que deu; a minha mãe deu feijão. Nesse ano tinha havido muita abundância, e esses senhores traziam umas sacas e punham o produto, e depois metiam numa carroça e levavam aquilo tudo."

⁵⁶
Referindo-se com certeza ao tambor.

Relembra então o imprevisto desse ano:



*"Só havia um único carro, de um senhor de nome António Zenite Ramada Curto⁵⁷. Era uma pessoa de bem, muito bem, de muitos valores, e que **parou junto de onde eu estava e os ditos gaiteiros dizendo que tinha havido uma desgraça: que o navio Afonso de Albuquerque tinha sido afundado** na invasão das tropas da Índia, navio esse que defendia Goa, Damão e Diu.⁵⁸ E que o melhor era a gente ir todos para casa, com respeito ao acontecimento histórico. E os gaiteiros e carroça foram todos para Alfarim guardar e esperar pelo outro dia, com respeito à novidade do senhor que nos tinha dito."*

Etelvino Ferraria terá participado como gaiteiro na Procissão do Senhor Morto pelo menos até finais de década de 1950, quando a missa de Sexta-Feira Santa já se realizava na Igreja da Corredoura.

Para além de tocar gaita de fole na missa da Festa de Alfarim, também o fazia na Missa do Galo até início da década de 1960, segundo testemunho de Celestina Rodrigues (*vide* Capítulo 1).

Quando era especificamente convidado para tocar num baile, costumava levar outro instrumento, que preferia para esse tipo de contexto: a sua flauta travessa. Com esta animava os bailes pelas aldeias da vizinhança, como o Zambujal, Aldeia do Meco, Alfarim, Azóia e a Almoinha, «*aos sábados e domingos nas casas de baile e, no Verão, na rua, em frente às tabernas*» (SARDINHA, 2000, p. 505). Por vezes, juntava-se ao irmão Carlos Ferraria, tocador de concertina, que também fazia bailes no concelho.

Etelvino Ferraria fez festas como gaiteiro até aos seus 40 anos de idade, cerca de 1964.

Além da gaita de fole e da flauta travessa, tocava bandolim⁵⁹, dava aulas de música na Almoinha e integrava agrupamentos

▲
54. Flauta transversal de Etelvino Ferraria

2020. Fernando Branquinho

⁵⁷
Certamente António Duarte Zanoletti Ramada Curto (1902-1984), filho de António Duarte Ramada Curto, que foi por duas vezes Governador-Geral da então Província de Angola.

⁵⁸
Possessões coloniais portuguesas que seriam anexadas pela Índia no dia seguinte.

⁵⁹
Na maleta onde guardava sua gaita de fole, foi encontrada também uma gaita de beijos, pelo que é provável que também tocasse este instrumento (*vide* fig. 60).

►

55. Etelvino Ferraria na flauta transversal, acompanhado por um tocador de banjolin

Década de 1940? Fotografia não identificada
Espólio da família



locais, segundo João Pinhal Coelho (n. 1951, Aldeia do Meco), conhecido por “Moreira”. Quando este foi juiz da festa de Alfarim, em 1982 ou 1983, Etelvino também apareceu com a gaita de fole para ajudar a fazer o peditório, por amizade ao seu pai, João Ferraria Coelho, de quem era primo. Mas, como de costume, o tocador contratado tinha sido Mário Carramão, tendo-se então formado um quarteto singular:

“Andavam os dois [Mário e Etelvino] a tocar juntos, e mais o caixa⁶⁰, e o meu pai na flauta⁶¹.”

60

Tem ideia que o caixa era o “Ernesto” ou “Júlio Correia”, referidos anteriormente.

61

Lembra-se que esta tinha chaves e era de madeira preta, desmontável em três partes.

Nesse ano, foi este mesmo conjunto instrumental alargado, com dois gaiteros, que animou o tradicional baile no final do peditório, que normalmente se fazia apenas com uma gaita de fole e uma caixa:

“Os gaiteros e o meu pai tocavam números que as pessoas conheciam. Era normal as pessoas dançarem ao som do que eles tocavam.”

Entre as várias modas tocadas, ouviu-se a indispensável contradança, que era sempre bailada com entusiasmo pelas gentes da zona de Alfarim.



**faixas
21 e 22**

Gaiteros de Sesimbra - Linha do Tempo⁶² (1806-2011)

Legenda: "Família Vicente" | "Família Ferraria"

1806  Bloqueio Continental decretado à Inglaterra por Napoleão Nasce Manuel Vicente (Bisavô)	1876  Inauguração da estação telegráfica	1936  Início da Guerra Civil em Espanha Início da atividade de Mário Carramão como tamboreiro	1975  Abertura de várias estradas que asseguram a ligação entre diversas aldeias do concelho, anteriormente isoladas
1807  Fuga da Família Real para o Brasil  Portugal é invadido pela França  Tropas francesas saqueiam parte do tesouro do Santuário do Cabo Espichel	1878  Primeiras iluminações elétricas	1937  Inaugurada a rede de eletricidade e de iluminação pública na vila de Sesimbra	1994  Lisboa Capital Europeia da Cultura
1834  Abolição da escravatura no Império Britânico  Fim das Guerras Liberais. Aclamação de D. Maria II	1879  Nasce Manuel Marques Ferraria (Pai)	1941  Ataque a Pearl Harbour (Segunda Guerra Mundial)  Sesimbra é fortemente atingida por ciclone Óbito de Manuel Rafael Vicente (Pai) Início da atividade de Mário Carramão como gaitero	1995 Fim da atividade de Mário Carramão como gaitero
1835  Introduzida a máquina a vapor na indústria Nasce Rafael Vicente (Avô)	1910  Implantação da República  Início do abastecimento de água canalizada a Sesimbra e Santana	1941  Ataque a Pearl Harbour (Segunda Guerra Mundial)  Sesimbra é fortemente atingida por ciclone Óbito de Manuel Rafael Vicente (Pai) Início da atividade de Mário Carramão como gaitero	2000 Óbito de Etelvino Ferraria
1856  Inauguração do primeiro troço ferroviário	1922  Primeira travessia aérea do Atlântico sul, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral	1957   Rainha Isabel II visita o Palácio de Calhariz	2002  O Euro torna-se a moeda oficial da União Europeia
1858 Óbito de Manuel Vicente (Bisavô)	1923  Nasce Etelvino Marques Ferraria	1964 (aprox.)  Fim da atividade de Etelvino Ferraria como gaitero	2011  Em cem anos, a população do concelho cresce de 10 600 para 49 500 habitantes Óbito de Mário Carramão Desaparecimento dos gaiteros tradicionais do concelho de Sesimbra
1861  Início da Guerra Civil Americana  Óbito de D. Pedro V. Sobe ao trono D. Luiz I Nasce Manuel Rafael Vicente (Pai)	1924   Morte de Lenine e de Teófilo Braga Nasce Mário Quaresma Carramão	1968   A cantora brasileira Elis Regina visita o castelo e a vila de Sesimbra	
1872 ou posterior Óbito de Rafael Vicente (Avô)	1926  Instauração da Ditadura Militar	1974  Instauração da Democracia	
	1933  Instauração do Estado Novo		
	1935 (aprox.) Início da atividade de Etelvino Ferraria como tamboreiro		

⁶²
Vide Bibliografia Internet: Sesimbra - Identidade – Memória: Museu Virtual.

Capítulo 3 O Repertório

José Alberto Sardinha



O reportório musical da gaita de foles no Portugal fininovecentista, segundo resulta das recolhas de Armando Leça, Ernesto Veiga de Oliveira, Michel Giacometti e das minhas próprias, só conservou trechos arcaicos na província de Trás-os-Montes. Em toda a faixa litoral desde o Minho até à Península de Setúbal, os gaitiros já pouco conservavam da tradição antiga, por virtude de terem atualizado permanentemente o seu reportório com as modas que a rádio e o disco foram divulgando.

É exemplo disso o gaiteiro Mário Carramão, que acompanhei e gravei no peditório do círio da Azóia à Senhora da Atalaia em 1995. Ele próprio me foi dizendo, à medida que decorria o peditório e falávamos sobre o seu reportório musical, que tocava *"o que lhe vinha à ideia"*.

Os intérpretes populares com muito ouvido e memória musical, como era o caso, captam com a maior facilidade os trechos musicais que escutam aqui e ali, trazendo-os para o seu reportório instrumental, repetindo-os, alterando-os, para logo os substituírem por outros que aparecem em voga. Vão renovando assim a corrente da tradição oral, e assim vão pondo de lado e esquecendo o reportório mais antigo.

Durante o peditório com o gaiteiro Mário Carramão foi, sem embargo, possível fazê-lo recordar algumas modas antigas, que constam do CD anexo, que vamos seguidamente caraterizar.

Desde logo a **alvorada**¹ (**faixa 1 do CD**). Trata-se do anúncio musical do começo do dia da festa religiosa, ao romper da aurora, hoje predominantemente a cargo das bandas filarmónicas, outrora interpretado por músicos populares como era o caso do tamborileiro, ou de um conjunto instrumental variável, comumente a gaita de foles, caixa e bombo. Nesta ocasião, consagrou-se um determinado género musical com características próprias, tal como a frequente utilização de escalas ascendentes e descendentes, ao qual se deu justamente o nome de alvorada. A sua provável filiação em algum dos ritmos centro-europeus que chegaram até Portugal no Oitocentos não se encontra estudada.

Dos géneros coreográficos antigos, Mário Carramão gravou um **vira (faixa 3)**, aliás de grande vivacidade e bela interpretação.

◀ 56. Mário Carramão (gaita de fole) e Ernesto Rafael (caixa). Faúlha, Sesimbra

1995. Luís Marques



**faixas
1 e 3**

¹ Os títulos das faixas resultam das denominações do tocador/informante, exceto indicação em contrário no Guia de Audição.



▲
57. Gaitero, caixa e festeiros no peditério para o Círio da Azóia. Sesimbra.
1995. José Alberto Sardinha

Habitualmente associado à província minhota (existe uma coletânea de temas populares do séc. XIX que inclui um “vira minhoto”), o vira encontra-se disseminado por todo o território nacional no séc. XX, incluindo a Estremadura, onde gravámos muitos. Aliás, na região transtagana, os mais velhos por mim entrevistados recordaram que as danças mais praticadas na sua juventude, anos 10, 20 e 30, eram o vira, o verde-gaio, o corridinho e o fandango.

O vira é uma canção bailada de grande popularidade, com estrutura rítmica de base ternária em 3/4 ou em 6/8, conforme as versões. Afirmam-se por vezes que é própria, exclusiva, ou pelo menos originária do Minho, mas as recolhas efetuadas por todo o país e o estudo das suas origens históricas não autorizam uma tal asserção. A sua proximidade musical com a gota, a tirana, ou com as saias, conduz-nos a uma provável origem comum, talvez derivada da antiga seguidilha.

Mário Carramão interpretou também uma **gota**² (**faixa 15**), caso muito para salientar (e para estranhar) porque em Portugal só no Minho este género foi registado.

O belíssimo **fandango** (**faixa 8**), que o nosso gaitero gravou durante o referido peditério para o círio à Senhora da Atalaia, foge ao estereótipo mais conhecido, divulgado pelos ranchos folclóricos do Ribatejo. Tal como o vira não é privativo do Minho e o corridinho não é exclusivo do Algarve, também o fandango não pertence nem nasceu no Ribatejo. É uma moda bailada disseminada por todas as províncias, incluindo na Estremadura, como ficou provado na nossa obra sobre as *Tradições Musicais da Estremadura*³ e aqui se confirma com a interpretação de Mário Carramão, recolhida no concelho de Sesimbra.

Trata-se de uma dança originária de Espanha, introduzida em Portugal no séc. XVIII através das companhias de teatro ambulantes. Em 1757, o poeta e boémio obidense Manoel da Silveira Malhão confirma que a dança já estava implantada entre nós e atribui-lhe proveniência inquestionavelmente espanhola, além de revelar qual a região portuguesa que então mais reputada era na prática da mesma dança: «... e o fandango bailado por mim fazia crer a quem me via que eu era natural de Castela, ou pelo menos filho de Borba.» (MALHÃO, 1792, p. 19)

Em Portugal, o fandango tornou-se a dança preferida por todas as classes sociais, de tal forma que chegou a ser considerada como a dança nacional por alguns viajantes estrangeiros que nos visitaram nessa época. Assumia então o fandango características voluptuosas, em que se destacava a sensualidade dos meneios femininos e o frémio galanteador do homem, que rodopiava em torno da mulher, cantando e gritando até à exaltação, com gestos e modos que lhe valeram, por vezes, o epíteto de dança obscena.

A forma tradicional de bailar o fandango entre o povo português era de homem *versus* mulher, frente a frente, exibindo sapateado alternadamente, geralmente em colunas de três ou quatro bailadores de cada lado, ou em roda com o mesmo número de pares (estas formas coreográficas já são soluções populares decorrentes das, ou melhor, subsequentes às atuações dos grupos ambulantes de teatro que até nós trouxeram o fandango).



**faixas
8 e 15**

2
O investigador Pablo Carpintero identifica nesta música uma parte comum com algumas jotás conservadas na zona oriental da Galiza.

3
Vide Bibliografia: SARDINHA, 2000.

seguro que Mário Carramão possuísse no seu reportório antigo muitas dessas marchas, uma vez que demonstra que o seu ritmo lhe é familiar.

O reportório do nosso gaiteiro não se limitava aos referidos trechos profanos. Os gaiteiros que acompanhavam os círios tinham de exercer variadas funções, desde o peditório, em que predominavam as modas profanas, até ao baile da noitada com as modas coreográficas em voga, até ao acompanhamento das procissões e da própria missa, onde, naturalmente, interpretavam temas litúrgicos. Mário Carramão trauteou uma melodia sacra, a que chamou **ladainha (faixa 17)**. Trata-se, na verdade, de um hino religioso não identificado, que costumava tocar nessas ocasiões religiosas e que é, nessa medida, um documento importante por mostrar o carácter religioso de uma parte do reportório da gaita de foles no país estremenho.



**faixa
17**

► 60. Maleta do gaiteiro sesimbrense Etelvino Ferraria contendo os seus instrumentos musicais

2020. Fernando Branquinho

Capítulo 4

As Gaitas de Fole de Sesimbra

Pablo Carpintero Arias



A gaita de fole¹ de Mário Carramão

Este instrumento apresenta a forma clássica das gaitas de fole da Estremadura, com as saídas dos três tubos no mesmo plano, estando as do sopraete e ponteiro alinhadas, e a da ronca logo atrás da do sopraete.

Está construído em madeira de buxo e apresenta um excelente fabrico. O seu torneado é o antigo e comum no noroeste da Península Ibérica², singelo e elegante, apresentando os típicos cortes na entremeia e na copa, que geram os caraterísticos anéis.³

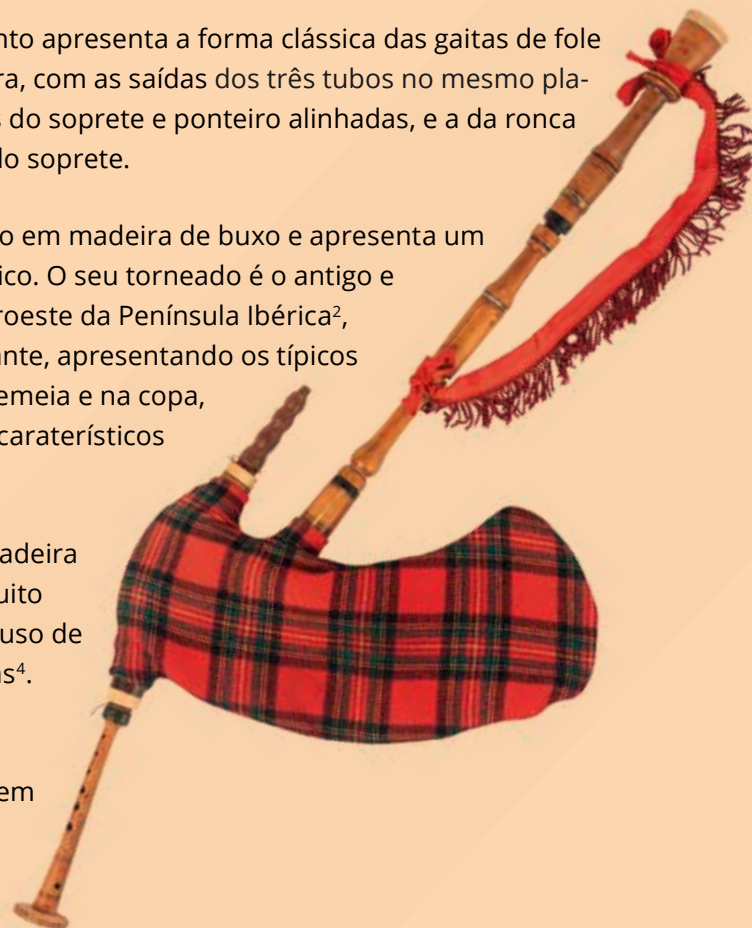
As peças de madeira evidenciam muito desgaste pelo uso de muitas décadas⁴.

Toda a gaita possuía anéis em marfim, como tantas outras encontradas na região de

Tomar, Coimbra e no sul da Galiza, o que nos fala da sua qualidade, e também do comércio marítimo desta mercadoria valiosa. Os anéis das buxas e das peças da ronca podem ser apreciados nas fotografias antigas [Fig. 33 e 37]. Com o tempo, o instrumento perdeu alguns destes anéis, que foram substituídos por outros de corno trabalhado à mão, no caso das buxas e ronca, e de madeira, no caso do ponteiro.

O sopraete [Fig. 63d] não é o original mas, numa fotografia antiga do instrumento [Fig. 62], podemos ver uma peça com o torneado típico do noroeste, talhada com dois anéis e duas molduras em forma de barril, que talvez seja a inicial.

A ronca [Fig. 63c] é curta, em consonância com o ponteiro. As peças ombreira, entremeia e copa [Fig. 63b] medem 265, 270 e 268 mm de comprimento, respetivamente, incluindo os espi-



61. Gaita de fole de Mário Carramão após o restauro

2019. Fernando Branquinho

¹ Vide Glossário.

² Aqui entendido num sentido lato, no que diz respeito às gaitas de fole, compreendendo uma área geográfica que inclui as Astúrias, a Galiza, a faixa ocidental de Leão, Trás-os-Montes e uma faixa litoral que vai do Rio Minho até à Península de Setúbal, inclusive.

³ Vide Bibliografia: CARPINTERO ARIAS, 2019.

⁴ Estavam cobertas por uma espessa camada de tinta, aplicada por Mário Carramão. Esta foi removida na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, no ano de 2019, por iniciativa da Associação Gaita de Foles.



gos, que têm 31 e 80 mm, a primeira, e 75 mm, a segunda. Os calibres interiores das três peças (7.5, 11 e 15 mm para a copa, com 17.7 mm na sua extremidade), não são estranhos no noroeste, estando dentro das caraterísticas gerais,

de que só diferem zonas como Trás-os-Montes e a vizinha Sanabria, onde os calibres interiores são bem maiores. Os diâmetros exteriores máximos da ombreira, entremeia e copa (34, 35.7 e 38.3 mm, respetivamente), bem como o diâmetro máximo no final da copa (54.5 mm) estão também dentro da “norma” geral do noroeste, que dita um ligeiro aumento dos diâmetros para a parte distal, fazendo da ronca uma peça de estética geral cônica, reflexo, talvez, da sua conicidade interior.

Esta ronca funciona muito bem com palhões curtos, como os encontrados com esta gaita, dos quais falaremos mais no final. É estável e não demasiado nasal, com um volume muito considerável.

O ponteiro (n.º 1) [Fig. 63a] é muito curto, com 260 mm de comprimento (espigo incluído), uma garganta⁵ com calibre de 3.6 mm e uma base com 18.2 mm de diâmetro interior. A garganta é estranha para a zona em que nos encontramos: gargantas menores de 4 mm pertencem tipicamente à zona central e oriental das Astúrias.

O cone interno é de paredes quase retas, com poucos degraus, que é o que com mais frequência encontramos em todo o noroeste.

Este tubo melódico tem os oito furos melódicos próprios das gaitas do noroeste, com diâmetros crescentes desde o furo superior até ao furo do dedo anelar inferior, decrescendo ligeiramente no do mindinho. Apresenta, na verdade, dois furos para este último dedo, um para ser tocado por gaiteiros destros e outro por canhotos. Esta caraterística tem sempre duas explicações possíveis: ou o artesão fabricava assim o instrumento, para permitir a sua utilização por uns e por outros; ou um dos furos foi aberto após o ponteiro mudar de dono.

62. Detalhe da Fig. 37: sopraete antigo da gaita de fole de Mário Carramão

⁵ É o menor calibre interior do ponteiro, que fica entre o cone da palheta e o cone acústico.



63. Peças da gaita de fole de Mário Carramão

- a) 1. Ponteiro n.º 1, vendo-se os furos melódicos (madeira de buxo: *Buxus sempervirens*)
- a) 2. Em cima, furo melódico posterior; em baixo, furos de afinação
- b) Tubos da ronca (esq. para a dir.): copa, entremeia e ombreira (buxo)
- c) Ronca montada
- d) Soprete (madeira não identificada)
- e) Fole em borracha com vestido em tecido
- f) Franja em tecido (passamanaria)

2019. Fernando Branquinho

Abaixo destes, possui três furos de afinação de pequeno diâmetro: um posterior, para a nota mais grave da escala, e dois laterais. Isto é, segue o padrão mais frequente do noroeste: duas orelhas.

A sua tónica está em torno de Ré -20 cents. A escala é praticamente temperada, ou seja, possui uma sensível inferior a exatamente 100 cents da tónica, o 3º grau está só ligeiramente grave e o 7º grau está a 100 cents da tónica superior. Isto produz uma sensação de tempero igual que afasta este ponteiro da “norma” portuguesa, que nós denominamos “modo português”⁶, no qual a subtónica inferior aparece só um pouco aguda, e o 3º grau está muito baixo (neutro), aparecendo o 7º grau a meio tom da tónica superior e sendo frequente um 2º grau baixo ou neutro, como o queiramos escutar. Ainda voltaremos a este assunto.

Este ponteiro soa extraordinariamente bem, com muito volume, equilíbrio e agilidade, possuindo um som brilhante, claro e potente. Em simultâneo com a ronca, produz uma grande sensação. É, sem dúvida, um instrumento excelente.

Gaita de fole fabricada em Lisboa no séc. XIX

O restauro revelou um carimbo de fabrico na parte inferior do ponteiro [Fig. 64], porém ilegível devido ao desgaste. No entanto, as medidas interiores desta peça coincidem exatamente com as de outro ponteiro visualmente muito idêntico, cujo carimbo indica que foi fabricado em Lisboa, na oficina de Manuel António da Silva⁷ (c. 1785-1878).

Além disso, duas copas de gaitas de fole, produzidas nesta mesma oficina⁸, apresentam um detalhe muito idêntico à da gaita de fole de Mário Carramão: em todas estas peças [Fig. 65 e 66], a forma de tornear o anel é muito característica, com uma ranhura mais ou menos profunda que o divide, e dois degraus em ambos os lados.

Partindo destas observações, podemos afirmar que este instrumento terá sido construído também na oficina

⁶ Vide CARPINTERO ARIAS, 2018 e 2019.

⁷ Este artesão consta do inventário de construtores de flautas e outros instrumentos de sopro. Vide WATERHOUSE, 1993.

⁸ Vide LIRA, 2018.

lisboeta da família Silva, em atividade entre 1807 e 1870⁹. O período coincide com o tempo de vida do bisavô e do avô de Mário Carramão, de quem, segundo testemunho deste, a família herdou o instrumento: Manuel Vicente (1806-1858) e Rafael Vicente (1835-1872 ou posterior), respetivamente.



► 64. Carimbo do ponteiro n.º 1, em buxo, de Mário Carramão, atribuível à oficina de Manuel António da Silva. Lisboa, séc. XIX

À esquerda, ampliação da fig. 63 a); à direita, imagem de contraste da mesma foto 2019. Fernando Branquinho



a)

b)

► 65. Copas de gaitas de fole com carimbo "SILVA". Lisboa, séc. XIX

a) Gaita de fole encontrada na Galiza, pertencente a Cástor e Félix Castro-Vicente.
b) Gaita de fole adquirida por Fernando Meireles num antiquário da zona de Lisboa e atualmente pertencente a Jorge Lira (ambos músicos e construtores de instrumentos musicais).

2018. Pablo Carpintero Arias



Junto com esta gaita de fole, Mário Carramão conservava dois ponteiros que, a julgar pelos desgastes dos furos melódicos, foram bastante mais tocados que o ponteiro de buxo que acabámos de descrever. Trata-se de dois instrumentos de fabrico muito parecido [Fig. 67 e 68], ambos na mesma madeira, muito provavelmente do género *Dalbergia*.

Os seus comprimentos são quase idênticos, 268 e 267 mm, correspondendo a um padrão muito frequente na Estremadura: são curtos e têm um grande anel de

marfim na campânula. Estes dois ponteiros foram construídos certamente com uma mesma ferramenta, pois os seus interiores são praticamente iguais, se bem que, num deles, o ferro de abertura do cone interno foi introduzido 5 mm a menos, e um dos ponteiros possuiu uma chave na mesa.

Não obstante serem tão semelhantes, é possível que o artesão que os fabricou não fosse o mesmo, pois um apresenta um carimbo formado pelas letras "SIO" (ponteiro n.º 2), e o outro não (ponteiro n.º 3). Além disso, observa-se ligeiras diferenças no torneado, que podem indicar que foram fabricados por mãos diferentes, talvez na mesma oficina (atendendo ao uso da mesma ferramenta), mas em tempos distintos.

O ponteiro n.º 2 [Fig. 67], que em tempos recebeu uma chave na mesa [Fig. 69], foi muito utilizado e apresenta um aspeto muito interessante: o furo não melódico (orelha) original da nota mais grave da escala foi depois alargado com uma navalha, emitindo agora uma subtónica inferior a 160 cents da tónica. Quer dizer, a sua escala original teria uma subtónica quase perfeita, própria de uma escala modal, e portanto muito antiga.

◀ 66. Copa da gaita de fole de Mário Carramão

2020. Fernando Branquinho

⁹ Vide VIEIRA, 1900 e TOJAL, 2000.



73. Peças da gaita de fole de Etelvino Ferraria

- a) Ponteiro, vendo-se os furos melódicos (madeira de ébano: *Diospyros ebenum*)
- b) Tubos da ronca (esq. para a dir.): copa, entremeia e ombreira (tipo de mogno?)
- c) Outra entremeia (mogno?)
- d) Ronca montada
- e) Soprete (mogno?)
- f) Fole em borracha com vestido em tecido
- g) Franja em tecido (passamanaria)

2020. Fernando Branquinho e Francisco Pimenta (73 c)

longitudinalmente, motivo pelo qual foi substituída por outra. Esta é de construção muito inferior e foi produzida numa madeira de muito fraca qualidade, pelo que provavelmente é da autoria de um artesão que não era construtor de instrumentos musicais, mas simplesmente um bom torneiro.

A entremeia não encaixa com o torneado da ombreira e da copa, logo é possível que tenha sido realizada por outro artesão. No entanto, está bem executada e a madeira é boa, pelo que se pode deduzir que foi fabricada por alguém qualificado. Este detalhe fala também em favor da antiguidade desta ronca.

O comprimento da ombreira, entremeia e copa é de 255, 234 e 230 mm, respetivamente, incluindo os espigos, que têm 28 e 52 mm, na ombreira, e 51 mm, na entremeia. Os diâmetros interiores das peças são, respetivamente, de 7,5, 10 e 14 mm para a copa, com 15 mm na sua extremidade, perfeitamente dentro da norma que se encontra em todo o noroeste peninsular. Os diâmetros exteriores máximos das peças (32, 34 e 34,2 para a copa, com 55 mm na sua extremidade) também se encontram dentro da normalidade. Esta ronca tem uma sonoridade boa e potente.

O ponteiro da gaita de fole de Etelvino Ferraria é outra peça muito curiosa. O torneado da mesa está dentro da generalidade do que encontramos em todo o noroeste, com o clássico anel.¹⁸ No entanto, com certeza possuiu uma chave¹⁹ na parte superior [Fig. 74], à imagem do que parece frequente na Estremadura e também no sul da Galiza. Além disso, na parte inferior do ponteiro podem-se observar os vestígios de uma tentativa de acrescento de, pelo menos, mais duas chaves [Fig. 75], feita com a intenção de cromatizar a escala musical, o que acabou por não resultar. O mais interessante, talvez, é que esse facto coloca esta gaita de fole numa época anterior ao surgimento das bandas filarmónicas em Portugal, aproximadamente em meados do século XIX, como vimos.

O ponteiro tem quase o mesmo comprimento (264,5 mm) que o da gaita de Mário Carramão. A sua garganta, de 5,25 mm de diâmetro, está dentro da norma que encontramos na região de Coimbra ou no Minho, mas longe das gargantas maiores de 6 mm (inclusive de 7 e 8 mm), que são frequentes na região de Miranda do Douro.

74. Marca da fixação de uma chave na mesa do ponteiro de Etelvino Ferraria

2020. Fernando Branquinho



18
Vide CARPINTERO ARIAS, 2019.

19
Apesar de não se ter conservado, esta peça foi acrescentada à réplica do ponteiro, tendo-se reproduzido o respetivo furo melódico, que tinha sido obturado no original. A réplica pode ser ouvida no disco que acompanha esta obra.

▼
75. Vestígios da tentativa de colocação de duas chaves na parte inferior do ponteiro

2020. Fernando Branquinho



Na sua base, tem um diâmetro interior muito estreito, de 15 mm, uma das mais estreitas encontradas no noroeste, onde a média é de 22 mm. Além disso, possui um típico cone em escada, com três claríssimos degraus. Isto faz com que este ponteiro saia da norma, pela sua estreiteza e pelo pronunciado dos seus degraus.

Os furos melódicos são muito grandes, e os seus diâmetros e disposição seguem as características já expostas. Além destes, observamos dois furos obturados, provavelmente como consequência da tentativa de dotá-lo de chaves [Fig. 75], conforme referido acima, ou de converter a sua subtónica inferior numa sensível.

O ponteiro apresenta vários furos não melódicos (alguns deles obturados), que não seguem a disposição típica nas gaitas do noroeste. Dos que estão abertos, um encontra-se na parte posterior e outro (o que faz soar a sensível inferior) numa lateral do ponteiro. Este último é de formato quadrado, indício de que foi modificado à mão. Se taparmos este furo, obtém-se uma subtónica 40 cents grave (ou seja, a 240 cents da tónica), o que, antes das evidentes modificações que sofreu no passado, poderá ter sido compensado, com algum dos furos não melódicos que agora se encontram obturados, para converter esse grau numa subtónica a 200 cents.

O instrumento soa muito bem, tem muito volume e estabilidade. A sua característica mais destacada é um temperamento quase perfeito: a tónica está exatamente em Ré, possui uma sensível quase justa (Do# -10 cents), o 3º grau ligeiramente baixo (Fa# -35 cents), e os restantes graus perfeitamente temperados. O 8º grau é obtido destapando-se todos os furos melódicos, e também está exatamente temperado. Com o uso da chave²⁰, emite um 2º grau ligeiramente baixo (Mi -20 cents). Esta escala compreende-se melhor se tivermos em conta que este ponteiro poderá ter tocado com instrumentos temperados. Uma fotografia, em que vemos o pai de Etelvino Ferrara acompanhado por um tocador de requinta²¹ [Fig. 52], parece documentar esta prática musical na região.

²⁰ Grau obtido na réplica do ponteiro. Vide mais adiante: "As Réplicas".

²¹ Clarinete em mi bemol.

Técnica de execução

O ponteiro em buxo de Mário Carramão e o de Etelvino Ferrara revelam um detalhe interessante. Nas Figuras 63a e 73a, podemos observar, em volta do furo melódico do mindinho inferior, um grande desgaste elíptico. Este só é encontrado nas gaitas antigas sanabresas e, sobretudo, nas alistanas, devido ao costume de os gaiteros dessas zonas realizarem apogiaturas na subtónica, deslocando o mindinho inferior sobre o seu furo, num movimento rápido e forte para trás.

Este desgaste no ponteiro de Mário Carramão indica que alguém usou esta técnica, ou uma similar, neste instrumento. Porém, nos registos áudio deste gaitero não identificamos este tipo de apogiaturas. Fica assim claro que, apesar de esta técnica não ter sido por ele usada, algum dos seus antepassados gaiteros a usou, ou uma similar.

Quanto ao ponteiro de Etelvino Ferrara, a presença deste desgaste indica que ele ou o seu pai poderão ter usado uma ornamentação semelhante, com apogiaturas constantes sobre a subtónica, o que nos faz suspeitar do uso desta técnica pelos gaiteros de Sesimbra.

As palhetas e os palhões

No noroeste peninsular, encontramos duas formas básicas de construir as palhetas. Numa, parte-se de uma tira plana de cana, que é obtida após remoção de toda a sua parte exterior dura e brilhante. De seguida, recorta-se com uma forma normalmente triangular (poucas vezes quadrada) e ata-se sobre um tubinho de canhão de pena de galinha ou, mais frequentemente, de metal. Este tipo de palheta (muito primitivo, a julgar pela simplicidade da sua construção e extensão no mundo) podia ou não levar uma cruzeta feita com duas pecinhas de cana. É o modelo que encontramos nas Astúrias (zona de Eo-Návia), Terra Chá galega, Sanabria, Aliste, Trás-os-Montes e

Assista ao vídeo sobre
a réplica do ponteiro de
Etelvino Ferraria

Aponte
o telefone
para o
código QR



Disponível no Youtube
"Gaiteiros de Sesimbra 04"



79. Réplica do ponteiro de Etelvino Ferraria
Na mesa, foi acrescentada uma chave, que em tempos também terá existido no original.
2020. Pablo Carpintero Arias

Esta réplica pode ser ouvida no disco.

Também foi construída uma réplica do ponteiro de Etelvino Ferraria (Fig. 79), tendo-se acrescentado, na mesa, um furo melódico dotado de uma chave, com base nos vestígios presentes no instrumento original. Além disso,

o anel da campânula foi reproduzido num material sintético imitando marfim, matéria-prima que era comum nas gaitas de fole antigas do noroeste e que, provavelmente, foi utilizada no anel original. Este ponteiro foi a única peça reproduzida de toda a gaita de fole, e também pode ser ouvido no disco.



80. Gaita de fole original de Mário Carramão e respetiva maleta.
Em baixo: réplica do instrumento
2019. Fernando Branquinho

Glossário

Anéis Peças de forma anelar aplicadas nas arestas dos tubos sonoros da gaita de fole, para reforço mecânico e efeito decorativo. Antigamente em osso ou marfim, são hoje em dia comumente fabricados em material sintético.

Aros Peças em forma de arco que assentam sobre o rebordo das peles de um tambor, fixando-as ao fuste. Em Sesimbra, “arcos”.

Barquim Fole mecânico, constituído de couro e madeira, usado para insuflar o fole de certos tipos de gaita. É acionado pelo gaitero através da pressão do braço contra o corpo. Este sistema de insuflação é diferente do da maioria das gaitas de fole. *Vide* «Fole» e «Gaita de fole (s)».

Bordão *Vide* «Ronca».

Buxas Tubos cilíndricos curtos, de madeira, atados às aberturas do fole. Nestes encaixam os tubos da gaita de fole. Em Sesimbra, “buxas”.

Campânula Parte inferior do ponteiro. *Vide* «Ponteiro».

Chave Peça de metal que, acionada por um dedo, destapa/tapa um furo melódico nos instrumentos de sopro.

Espigo Extremidade dos tubos de madeira que permite o encaixe nas buxas ou entre diferentes partes do bordão. *Vide* «Ronca».

Fole Reservatório flexível para o ar, onde este permanece depois de insuflado, antes de ser expelido pelos tubos sonoros ao ser pressionado pelo braço. Em Sesimbra, “fole”.

Franja Elemento decorativo em tecido (passamanaria), suspenso de dois pontos da ronca. Em Sesimbra, “franja”. *Vide* «Ronca».

Fuste Corpo cilíndrico de um membranofone. Em Sesimbra, “aro”. *Vide* «Tambor» e «Tarola».

Gaita de fole(s) Instrumento musical de sopro provido de fole, que possibilita um som contínuo. Em Portugal, apresenta tubo melódico, tubo insuflador bucal e um tubo bordão. Ape-

sar de ser frequentemente referido por “gaita de foles”, “gaita de fole” é a designação utilizada por alguns gaiteros tradicionais portugueses. Este é o termo organológico correto, uma vez que, no país, este instrumento possui um único reservatório de ar. Em Sesimbra, “gaita de foles”. *Vide* «Fole», «Soprete», «Ponteiro» e «Ronca».

Gaitero Tocador de gaita de fole.

Jugo/freio Pequena peça anelar de metal que abraça a parte inferior das duas lâminas (linguetas) da palheta dupla, permitindo regular a sua abertura e controlar o fluxo de ar no seu interior.

Mesa Parte do ponteiro entre o espigo e o fuste, que é mais espessa que ambos. Constitui a base do espigo, definindo até onde o ponteiro pode entrar na buxa.

Orelha(s) Furos situados nas duas superfícies laterais da parte inferior do ponteiro, daí a sua denominação. Estes furos não são melódicos, ou seja, não são digitados, permanecendo sempre abertos. A sua função é delimitar a longitude do tubo melódico.

Palhão Tipo de palheta batente simples, consistindo num tubo cilíndrico de cana fechado numa das extremidades e aberto na outra, dotado de uma única lingueta, que vibra à passagem do ar. Tradicionalmente construído em cana e, hoje em dia, também noutros materiais. É designado por “palhetão” por alguns gaiteros tradicionais portugueses. Em Sesimbra, “palhão”. *Vide* «Ronca».

Palheta Tipo de palheta batente dupla, constituída por duas lâminas simétricas de cana, cuja base é atada a um pequeno tubinho, o tudel. Nas gaitas de fole portuguesas é encaixada no tubo melódico. Em Sesimbra, “palheta”. *Vide* «Ponteiro».

Ponteiro(a) Tubo sonoro cónico dotado de oito furos melódicos e de uma palheta batente dupla de cana na extremidade superior (espigo). Em Sesimbra, “ponteiro”. *Vide* «Palheta».

Requinta Instrumento musical de sopro, mais precisamente um clarinete em mi bemol, mais agudo do que o clarinete soprano (o mais comum).

Requintista Tocador de requinta. *Vide* «Requinta».

Ronca(o) Tubo sonoro dotado de palheta batente simples que emite uma nota pedal (bordão) e assenta no ombro do gaiteiro. Formado por três peças designadas por: ombreira ou primeira (que recebe o palhão); entremeia ou segunda; e copa ou terceira. Em Sesimbra, “vara” ou “ronca”. *Vide «Palhão».*

Soprete Tubo para insuflação do ar no fole, dispondo de uma válvula simples no espigo que encaixa na buxa, impedindo assim o retorno do ar. Em Sesimbra, “soprete” ou “assoprete”.

Tambor Instrumento de percussão bimenbranofone de fuste cilíndrico, com altura variável mas não superior ao seu diâmetro. Em Sesimbra, atualmente designado por “caixa” e, outrora, por “tambor”. *Vide «Tamboreiro» e «Tarola».*

Tamboreiro Designação antiga do tocador de tambor, atualmente de uso residual em Sesimbra. *Vide «Tambor».*

Tarola Tambor mais recente, com fuste mais baixo que a “caixa”, sempre metálico, dotado de uma ou duas peles sintéticas cuja tensão é regulada por um sistema de parafuso. *Vide «Caixa» e «Tambor».*

Toque aberto Sistema de digitação em que, partindo da posição de todos os furos melódicos tapados, a escala é obtida pelo destapar sucessivo dos furos melódicos desde o inferior até ao superior.

T. fechado Sistema de digitação em que, para emitir as notas superiores do ponteiro, os dedos da mão inferior tapam os respetivos furos melódicos.

Tudel Tubinho, normalmente metálico, ao qual são fixadas as lâminas de cana da palheta dupla, permitindo encaixá-la no espigo do tubo melódico. *Vide «Palheta».*

Vara Designação utilizada em Sesimbra para o tubo bordão. *Vide «Ronca».*

Vestido Saco de tecido que reveste o fole. Em Sesimbra, “vestido”.

Apresentação do Disco

O disco que acompanha esta obra dá a conhecer recolhas musicais inéditas de José Alberto Sardinha, efetuadas em 1995 a Mário Quaresma Carramão, sendo o único registo sonoro conhecido dos gaitiros sesimbrenses de tradição oral.

Incluem-se, também, gravações com réplicas de gaitas de fole antigas, descritas no capítulo anterior, tocadas por Ana Pereira e João Tiago Morais.

A “**ladainha**” e a **contradança** foram recolhidas em voz e assobio, respetivamente. Estes temas faziam parte do repertório dos gaitiros tradicionais de Sesimbra, razão pela qual são aqui interpretados na gaita de fole.

Na música **Papo-seco**, o acompanhamento na caixa¹ é de Mário Carramão, tendo sido registado durante o trabalho de pesquisa.

Já na faixa **Vira de Sesimbra** podemos escutar o acompanhamento de José Ratinho, tocador tradicional de tarola que há 20 anos participa em festas religiosas no concelho.

Queremos ainda destacar a participação da Orquestra de Foles (grupo musical da Associação Gaita de Foles), em músicas do repertório dos gaitiros tradicionais sesimbrenses, com arranjo de João Tiago Morais.



¹ Fabricada em madeira e com peles de animal, pertença da Associação Gaita de Foles.

Apresentação do Documentário

▼
81. Exemplos de digitação fechada utilizada por Mário Carramão
1995. José Alberto Sardinha



Foi produzido para esta obra um documentário a partir de recolha vídeo de José Alberto Sardinha, que foi realizada no mesmo ano e contexto acima referidos. Este registo é um importante testemunho dos círios do concelho, onde destacamos a forte devoção popular; o carácter organizativo do peditório, com a presença do juiz e festeiros; e a participação indispensável do gaiteiro e do caixa: Mário Quaresma Carramão e Ernesto da Silva Rafael.

Neste documentário, chamamos ainda a atenção para uma particularidade na técnica do gaiteiro, que é a utilização da digitação fechada (embora os seus efeitos não sejam muito evidentes no som) com o oitavo grau emitido tapando todos os furos melódicos do ponteiro, exceto o do polegar. Trata-se de uma forma de tocar não registada até hoje em nenhuma outra zona de Portugal e que aparece apenas numa parte da Galiza e nas Astúrias. Este tipo de digitação fechada em concreto, com o terceiro grau aberto e correspondente ligeiro efeito na sonoridade, está documentado na zona central da Galiza: Arzúa, Terra de Melide, Ordes e Santiago, entre outras comarcas.

*Francisco Pimenta
Pablo Carpintero*

**Assista agora
ao documentário:**
"Peditório para o Círio da Azóia"

Aponte
o telefone
para o
código QR



Disponível no Youtube

Guia de Audição

Faixa 1. Alvorada

Faixa 2. "Tem alguma coisinha para a Sra. da Atalaia?"

Faixa 3. Vira

Faixa 4. "Ó senhora Maria, olhá Senhora da Atalaia!"

Faixa 5. Marcha. "Olhá Sra. da Atalaia! Mais um ano a chegar!"

Faixa 6. Corridinho I

Faixa 7. "É a Sra. da Atalaia que está à sua porta este ano, pra dar saúde e alegria."

Faixa 8. Fandango

Faixa 9. Foguete em honra de N^a Sra. da Atalaia

Faixa 10. Marcha do Círio

Faixa 11. Fala do gaiteiro Mário Carramão: "Isto cansa muito."

Faixa 12. Corridinho II

Faixa 13. "Lá vai o foguete pró ar!"

Faixa 14. Marcha (a mesma da faixa 5). "Sra. da Atalaia, não há outra como ela: é uma Senhora donzela."

Faixa 15. Gota

Faixa 16. Marcha Popular. "Até pró ano, se Deus quiser..."

Faixa 17. Ladainha (Mário Carramão: recolha em voz)

Faixa 18. Ladainha (tema da faixa 17: réplica da gaita de fole de Mário Carramão) *

Faixa 19. Papo-seco (réplica da gaita de fole de Mário Carramão) **

Faixa 20. Vira de Sesimbra¹ (réplica do ponteiro de Etelvino Ferraria) ***

¹ Tema musical de Arlindo Duarte de Carvalho (Fundão, 1930 — Amadora, 2016), autor e compositor português.

Faixa 21. Contradança (Manuel Vieira da Silva Cristão: recolha em assobio)

Faixa 22. Contradança (testemunho do mesmo informante). *"Anarrié, balancé, todos os pares: uns pra uma banda, outros prá outra!"*

Faixa 23. Contradança (tema da faixa 21: réplica do ponteiro de Etelvino Ferraria) ****

Faixa 24. Marcha Popular e Corridinho (temas das faixas 6 e 16: Orquestra de Foles) *****

* João Tiago Morais (gaita de fole)

** João Tiago Morais (gaita de fole) e Mário Quaresma Carramão (caixa)

*** Ana Pereira (gaita de fole) e José Ratinho (tarola)

**** Ana Pereira (gaita de fole) e Rui Aires (caixa e bombo)

***** Carlos Santos, Gustavo Portela, João Tiago Morais e Ricardo Anastácio (gaitas de fole); Tiago Araújo (bombo e caixa)

Notas complementares:

♦ Os nomes das faixas seguem as designações do próprio tocador/informante, exceto nas 10 e 16, que o gaitero referiu apenas por "Marcha", renomeadas por nós para efeitos de diferenciação. E também nas faixas 12 e 15, cujos títulos foram atribuídos a partir das suas características rítmicas e melódicas, devido ao facto de o tocador não ter sido inquirido, dado o contexto em que a recolha foi realizada.

♦ As faixas 1 a 16, 21 e 22 são recolhas de José Alberto Sardinha realizadas na Faúlha, Sesimbra, em Agosto de 1995.

♦ A faixa 17 foi recolhida pela Associação Gaita de Foles na Maça, em Fevereiro de 2010, bem como o registo da caixa na faixa 19, que foi gravada a solo durante uma curta demonstração de Mário Carramão, após décadas sem praticar, e posteriormente editada.

♦ A música Papo-seco é mencionada numa notícia de 1924 (*vide* pág. 49), a qual é muito provavelmente referente ao pai de Mário Carramão. Por este motivo, quisemos prestar aqui uma homenagem a ambos. A fonte para esta versão foi uma gravação de 1965 do Grupo Folclórico de Rebordões (editora Ofir).

♦ As faixas 18, 19 (exceto a caixa), 20, 23 e 24 foram gravadas em estúdio.

Partituras

Notas:

♦ As partituras seguidamente apresentadas são transcrições musicais das recolhas incluídas no disco;

♦ Optou-se pela escrita simplificada das melodias e por não transcrever a ornamentação, pela sua complexidade. Nalgumas músicas, porém, são apresentadas as variações introduzidas pelo tocador.

♦ Todas as músicas estão transcritas em Dó maior, tonalidade diferente da original (*vide* Capítulo 4);

♦ Os títulos das partituras seguem as designações do próprio tocador ou do informante, exceto em: **Marcha do Círio, Marcha Popular, Gota e Corridinho II**;

♦ As versões que apresentamos não dispensam a audição das recolhas.

Contradança

Faixa 21 do CD

Recolha: José Alberto Sardinha (1995)

Informante: Manuel Cristão, Sesimbra

Obs: Além da transcrição da recolha original, apresentamos, em notação menor, uma adaptação para gaita de fole.

♩ = 110

A

8

1. 2. B

14

1. 2.

Agradecimentos

Temos a agradecer às seguintes pessoas e instituições:

Adélia Boiça, Alfonso Fernández, Ana Isabel Vieira, António Freire, Arquivo Distrital de Setúbal, Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, Arquivo Municipal de Sesimbra (nas pessoas de Ana Mourato, João Ventura e, especialmente, Paula Cruz), Armindo Pimenta, Biblioteca Municipal de Sesimbra (na pessoa de Susana Bizarro), Bruno Gatinho, Câmara Municipal de Sesimbra, Carolina Nóbrega, Cástor e Félix Castro-Vicente, Cristina Casaca, Fernando Branquinho, Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, Gilda Melo, Gonçalo Fabião, Humbelina Martelo, Jorge Barros, Jorge Lira, José Lima, José Manuel Arsénio, José Ventura, Junta de Freguesia do Castelo, Junta de Freguesia da Quinta do Conde, Junta de Freguesia de Santiago, Lia Vasconcelos, Laboratório José de Figueiredo, Luís Filipe Fialho, Luís Marques, Luís Miguel Aveiro, Maria Pedro Rato, Maria Manuela Pimenta, Mário Rui Melo, Maurício Abreu, Miguel Barriga, Miguel Costa, Museu Nacional da Música, Museu da Música Portuguesa - Casa Verdades de Faria (nas pessoas de Catarina Roquette e Conceição Correia), Luísa Antunes Silva, Nuno Vasco Franco, Ordem dos Arquitetos, Patrícia Alexandre, Pedro Narciso, Pedro Pimenta, Rui Aires, Rui Xavier, Sandra Deuchande, Susana Belchior, Ricardo Brito, Ricardo Kersten, Thomas Kersten, Xosé Henrique Costas e aos pesquisadores, autores e músicos participantes.

Queremos agradecer especialmente a Isabel Martelo e Fátima Carramão, Mário Carramão, Valdemar Carramão, Luís Miguel de Sousa Carramão, Etelvino Ferraria, Dionísio Ferraria, Ida Ferraria e a todas as pessoas entrevistadas.

Colaboração dos leitores

Você também poderá contribuir para futuras edições desta Coleção!

Caso possua instrumentos musicais, fotos ou tenha conhecimento de informações em falta nesta obra, relativas às tradições gaiteras no concelho de Sesimbra, ou na Estremadura em geral, agradecemos que nos contacte para os endereços de e-mail:

contacto@gaitadefoles.net
henrioliveira@yahoo.com
pimenta.francisco@gmail.com

